



Setembro-Outubro de 2007

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja



casa

Casa Publicadora Brasileira

BIBLIOTECA -
TATUI

O legado pastoral de Paulo

- ◆ Revelando o mistério do evangelho
- ◆ A bênção da adversidade
- ◆ Tentação babilônica
- ◆ O grito de uma ovelha ferida

Lobato



Divulgado

Melchor Ferreyra

Secretário de Campo da
Divisão Interamericana

Sou pastor

Causou-me estranheza a reação de um companheiro de jornada ministerial quando, em certa ocasião, lhe perguntei a respeito de seus sentimentos, seu nível de satisfação e realização pessoal, experimentados ao longo do trabalho pastoral. Sua resposta, misturada com alguma pitada de ironia, foi a seguinte: “Sou, apenas, pastor de igreja”. Enfatizei àquele querido companheiro que ser pastor de igreja é uma função extremamente gratificante, na verdade, a vocação mais elevada na Terra, e nenhuma outra existe que lhe possa ser comparada.

É provável que, em algum momento, você tenha sido assaltado pelo pensamento de que seu ministério pastoral não é alvo de atenção e reconhecimento, por parte da igreja e de seus líderes, mas esse é um pensamento enganoso. No contexto hierárquico da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o pastorado de congregações é o trabalho mais valioso; simplesmente porque, sem ele, o caminho para o êxito da nossa missão seria altamente dificultado.

Pensando nisso e a propósito do Dia do Pastor, comemorado no último sábado de outubro, desejo cumprimentar, com muito carinho e merecido reconhecimento, os pastores da Divisão Sul-Americana. Refiro-me especialmente a você, pastor de igreja, que labuta na linha de frente da batalha, tendo o privilégio de chegar a corações necessitados com mais frequência, e até mais autoridade, que qualquer outro pastor que sirva em funções administrativas.

Seu trabalho é consolar, aconselhar, indicar o caminho da salvação, aplicar o bálsamo da restauração a pessoas feridas, tanto no sentido emocional, físico e espiritual. Não raro, essa tarefa se mostra árdua, e você se sente exausto, no limite do desânimo, diante dos milhares de problemas para os quais deve encontrar solução. Porém, lembre-se de que, aos olhos de Deus, aquele trabalho que às vezes parece não frutificar em curto ou médio prazo não passa despercebido e, na eternidade, mostrará seus resultados. Busque sentir a

paz, a tranquilidade e a alegria que brotam da certeza do dever cumprido. Não esmoreça.

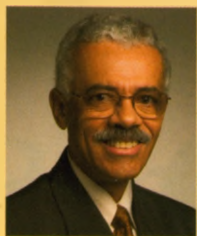
O pastor de igreja tem no seu rebanho uma extensão de sua família, cujos membros ele conhece como ninguém. Conhece-os pelo nome, conhece suas lutas, inquietudes, fraquezas e conquistas, tristezas e alegrias. Nisso, o pastor se iguala ao Supremo Pastor e, à semelhança dEle, empenha-se na busca de satisfação para as necessidades das ovelhas.

Permaneça constantemente assentado aos pés de Cristo, pastor. Alimente seu amor por Ele, através da comunhão diária, estudando a Bíblia e orando sem cessar. É assim que você verá crescer seu amor pelo chamado que recebeu, pela igreja e por seus membros. Não há outro modo de se sentir feliz como pastor. Caso desprezasse essa fórmula, terá o pastorado como um fardo insuportável e tudo quanto fizer para desenvolvê-lo será tido como doloroso sacrifício. Aproveite esta ocasião para reafirmar sua dedicação ao serviço do Mestre e da causa do evangelho. Mantenha-se firme, fiel à sua vocação.

Receba o reconhecimento sincero, da igreja e sua liderança, por tudo o que você já fez, faz e fará em favor da causa de Deus. Medite no conselho do apóstolo Pedro e, quando for tentado a mergulhar no vazio da aparente falta de gratidão e reconhecimento humanos, desfrute antecipadamente a gloriosa recompensa prometida: “Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha

dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória” (1Pe 5:1-4).

*“O pastorado
de igrejas é
o trabalho
mais valioso.
Sem ele, o caminho
para o êxito
da missão seria
altamente
dificultado”*



William de Moraes

Charme ou sacrifício?

Desde os anos da minha infância, nunca me imaginei sendo outra coisa que não fosse pastor. Senti o chamado de Deus muito cedo em minha vida. Não posso negar, entretanto, que houve momentos em que me deparei com grandes questionamentos. Contudo, em tais ocasiões, a invisível, mas real, presença divina dissipava temores, incertezas e dúvidas.

Certo dia, nossa família recebeu a visita do pastor Gileno Oliveira. Aliás, é justo registrar que ele era visitador incansável e diligente, sempre que ia à minha cidade – Cruz das Almas, BA. Seu distrito estava sediado em Feira de Santana. No diálogo entre pastor e família, as crianças não foram ignoradas e, em determinado momento, ele interagiu conosco. Foi então que meu saudoso pai, referindo-se a mim, disse-lhe: “Este deseja ser pastor. E, se Deus quiser, vai ser pastor.” Junto com o abraço pastoral de congratulações, ouvi a pergunta simples e direta daquele servo de Cristo: “Você quer ser pastor porque acha isso bonito, ou porque deseja trabalhar para Deus?” Entendi perfeitamente que, entre o *glamour* e as responsabilidades da vocação pastoral, eu deveria distinguir a motivação correta.

Eu não tinha mais que nove anos, mas, a partir de então, essa pergunta ficou gravada, e aflorava à minha mente sempre que eu me via frente a frente com minha vocação. Ao longo de 31 anos de pastorado, concluí que as duas coisas andam juntas. Simplesmente, é bonito trabalhar para Deus, embora isso pressuponha sacrifício, renúncia, entrega total de si mesmo. É-nos dito que “a fim

de conduzir almas à fonte vivificante, o próprio pregador deve primeiro beber da fonte. Ele precisa compreender o infinito sacrifício feito pelo Filho de Deus para salvar os homens caídos, e sua própria alma deve estar imbuída com o espírito do infinito amor. Se Deus nos determina que realizemos um árduo trabalho, precisamos fazê-lo sem murmurar. Se o caminho é difícil e perigoso, é plano de Deus fazer com que sigamos em humildade, e clamemos a Ele por força” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 442).

No trabalho pastoral, as compensações são infinitamente maiores que quaisquer sacrifícios. Ser instrumentos de Deus para encaminhar homens e mulheres a Ele, realizar batismos, casamentos, dedicação de crianças, semanas de oração, pregar em congressos, ajudar na reconstrução de relacionamentos partidos e na solidificação de famílias, promover reconciliação, confortar e animar jovens e idosos em choupanas e mansões, ouvir a gratidão molhada com lágrimas e em voz embargada de pessoas que foram alcançadas por um sermão que as nutriu e acalentou seu coração, tudo isso produz um indescritível sentimento de prazer. Até mesmo a dolorosa tarefa de entregar uma ovelha fiel ao descanso da sepultura gera um quê de realização pastoral, pela certeza do dever cumprido.

Parabéns pelo seu dia, pastor. É indescritivelmente belo e prazeroso trabalhar para Deus. E a recompensa maior ainda está por vir.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 78 – Número 05 – Setembro/Outubro 2007
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemaria Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos
Capa: Ilustração de Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:
Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Acílio Alves Filho; Abner Tello Panduro;
Eugenio Jará Morán; Francisco C. Bussons;
Graciliano M. Filho; Ivanaudo B. Oliveira;
José S. da Silva Jr.; Moisés Rivero; Patricio B. Alfaro;
Roberto Gullón; Valdílio Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br / E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.600 exemplares

5960/17728

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar Avulso: R\$ 9,20
Norte – Assinatura: R\$ 49,80
Exemplar: R\$ 10,38



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

9 A MAIS ALTA VOCAÇÃO

Testemunho pessoal de um administrador sobre o trabalho pastoral.

11 LÍDER POR EXCELÊNCIA

Um perfil de liderança cristã para os dias atuais.

13 DECÁLOGO PARA PASTORES

Dez mandamentos que você não deve transgredir.

15 REVELANDO O MISTÉRIO DO EVANGELHO

Caminhos para alcançar os objetivos do ministério cristão.

17 PAULO, O PASTOR

Lições da experiência pastoral do apóstolo dos gentios.

21 TENTAÇÃO BABILÔNICA

Por que o chamado para sair de Babilônia também alcança os pastores.

24 A BÊNÇÃO DA ADVERSIDADE

Deus sempre opera através das experiências mais difíceis do pastorado.

26 CONSELHO OPORTUNO

O que Paulo ensinou a Timóteo ainda é válido para nossos dias.

29 O GRITO DE UMA OVELHA FERIDA

Um desesperado clamor por mais efetivo cuidado pastoral.



Foto: Willem de Moraes e PhotoDisc - Imagem

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

"O que necessitamos, nestes tempos de perigo, é de um ministério convertido. Necessitamos de homens que compreendam sua pobreza de alma e busquem zelosamente a dotação do Espírito Santo"

Ellen G. White

Reminiscências de um pioneiro

“O pastor ideal para esta época, com todos os seus desafios, só precisa seguir os passos de Jesus”

por Zinaldo A. Santos

Nascido em Itápolis, SP, há 82 anos, o Pastor Alcides Campolongo carrega nos olhos e no largo sorriso o brilho do evangelismo. Durante 53 anos de pastorado, ele contabiliza 106 campanhas evangelísticas dirigidas e mais de cinquenta mil pessoas levadas ao batismo. O evangelismo da “Semana do Calvário”, o programa de TV *Fé Para Hoje* e o “Curso Para Deixar de Fumar em Cinco Dias”, no Brasil, têm a marca de seu pioneirismo.

Formado em Teologia, em 1948, ele se casou, no ano seguinte, com a professora Neide Aparecida Patrizzi Campolongo, a quem define como seu “braço direito e o esquerdo também”. Para ele, a jubilação, em 2002, não significou encerramento de sua vocação. “Não parei; continuei pregando, evangelizando, até em outros estados brasileiros, e visitando interessados”, diz, sempre sorridente. Em seu escritório, situado no bairro paulistano do Brooklin, onde conserva um rico acervo de sua vida e do programa *Fé Para Hoje*, ele concedeu a *Ministério* a seguinte entrevista.

Ministério: Quando e como o senhor sentiu chamado para o ministério pastoral?

Campolongo: Eu era jovem, na década de 40, e morava em São Carlos,

onde fiz os cursos Fundamental e Médio. Participava também nas atividades da igreja, gostava de declamar e já realizava pequenas séries de conferências evangelísticas. Diante disso, os irmãos me incentivavam bastante e eu mesmo fui me conscientizando de que Deus me dera talentos que poderiam ser empregados em Sua causa. Senti que Ele me chamava para uma tarefa especial. Eu cuidava de uma alfaiataria. Na verdade, era a alfaiataria de nossa família, foi administrada por meu irmão primogênito, que morreu num acidente automobilístico. Depois dessa tragédia, tive que gerenciá-la e, posteriormente, me tornei proprietário. Mas, ao sentir o chamado de Deus, decidi que seria pastor. Desse modo, ao concluir o Curso Comercial, deixei a alfaiataria com o melhor funcionário da casa e vim para o Instituto Adventista de Ensino, em São Paulo, a fim de me preparar para o ministério. Meu pai, um homem muito cristão, também me incentivou muito nesse empreendimento.

Ministério: No Seminário, o senhor continuou desenvolvendo seu dom de evangelista?

Campolongo: Sim. Apesar das tarefas e atividades estudantis, e da partici-



pação na igreja do colégio, logo no segundo semestre do primeiro ano (1946), encontrei tempo para dirigir uma campanha evangelística em Vila Carrão, bairro de São Paulo. Nosso professor de Evangelismo, o falecido pastor Durval Stockler de Lima, me fez o convite para essa tarefa e, prontamente, aceitei. Eu saía do colégio, no domingo após o almoço, pregava à noite em um salão alugado e com capacidade para umas 150 pessoas, dormia em casa de irmãos e voltava na segunda-feira, bem cedo, para não perder o início das aulas.

Ministério: Qual foi o resultado desse trabalho?

Campolongo: Além do aprimoramento da experiência pessoal e confirmação vocacional, tive o privilégio de ver algumas pessoas sendo encaminhadas a Cristo e ao batismo. Esses irmãos foram agregados à igreja de Vila Carrão que, naquele tempo, ainda estava se formando.

Ministério: Como foram seus primeiros passos ministeriais, depois que saiu do Seminário?

Campolongo: No início da carreira pastoral, continuei fazendo evangelismo. Após a formatura, em 1948, fui

trabalhar na Associação Paulista, e o pastor Osvaldo Azevedo, então distrital do bairro Belém, me convidou para dirigir uma série evangelística em Mogi das Cruzes. Aceitei a indicação, a campanha foi realizada com êxito. Lembro-me de que, já no primeiro batismo, foram batizadas 45 pessoas, e a campanha foi realizada no próprio templo. Permaneci dois anos em Mogi; depois, fui indicado para auxiliar o pastor Geraldo Oliveira, evangelista da Associação, na série de conferências em Tucuruvi, bairro paulistano. Naquele tempo, as campanhas evangelísticas eram longas. Passados dois meses, o pastor Geraldo teve de se ausentar e transferiu para mim a liderança do trabalho. Foi dessa campanha que resultou a igreja daquele bairro. Depois disso, fui auxiliar o Pastor Itanel Ferraz em mais uma série de conferências na igreja central de Campinas e fiquei liderando aquele distrito que abrangia uma área muito mais vasta, incluindo várias cidades da região, como Jundiá, Limeira e Piracicaba. Depois de Campinas, trabalhei em Araçatuba, onde foi estabelecida uma grande igreja, também como resultado de evangelismo público. Em seguida, fui nomeado para dirigir os departamentos de Evangelismo, Temperança e Comunicação na Associação Paulista. Fui pastor de igreja durante nove anos, diretor de departamentos, na Associação e na União, por 44 anos, totalizando 53 anos de serviço.

Ministério: *Em relação aos dias atuais, era mais fácil, ou mais difícil, pastorear igrejas naquela época?*

Campolongo: Os distritos eram muito maiores. Tínhamos que dar assistência a muitas cidades, de modo que era necessário dividir bem o tempo, a fim de que nenhuma congregação ficasse desprovida de assistência pastoral. Hoje, os distritos são menores, mas existem outros problemas bem próprios da vida moderna. Bem, cada época tem suas peculiaridades.

Ministério: *A metodologia empregada no evangelismo público de seus dias não é igual a que é utilizada hoje. Como o senhor avalia essa mudança?*

Campolongo: Eu percebo que, atualmente, as campanhas geralmente são curtas, e penso que deveriam ter maior duração do que dez, quinze, vinte dias. Antigamente, chegávamos a pregar

durante seis ou sete meses, o que, no meu entendimento, favorecia melhor doutrinamento das pessoas e melhor preparo dos candidatos ao batismo. Reconheço que as mudanças sociais, culturais, a concorrência da mídia, entre outras dificuldades modernas que conhecemos bem, dificultam manter uma audiência durante longo tempo. Mas, todo empreendimento evangelístico deve ser feito de tal modo que as pessoas conheçam todas as verdades da Palavra de Deus e cheguem bem preparadas ao batismo.

“O segredo para não sucumbir à nostalgia, na jubilação, é continuar trabalhando para levar pessoas a Cristo”

Ministério: *Por outro lado, existem outros métodos que também são eficazes na conversão das pessoas. Os pequenos grupos, por exemplo.*

Campolongo: De fato, os pequenos grupos são fantásticos na aproximação das pessoas, no compartilhamento de experiências, na construção de amizade cristã. Tudo isso facilita o ingresso e manutenção do novo crente na igreja. Porém, nunca devemos dispensar a realização de uma campanha evangelística em lugares sem adventistas, por exemplo. Aliás, os pequenos grupos podem ser utilizados também no preparo de interessados que serão levados à decisão em uma campanha de médio ou grande porte. Geralmente, quando eu fazia uma campanha grande, essa era sempre apoiada por outras duas ou três campanhas menores que forneciam decisões. Obreiros bíblicos da equipe evangelística e membros da igreja eram envolvidos no trabalho. O evangelismo não pode ser divorciado da participação dos membros. Em

nosso plano, os irmãos eram treinados para interagir com interessados e novos conversos, doutrinando-os, convidando-os para alguma refeição em sua casa, especialmente no sábado, para que eles aprendessem como observá-lo em todos os aspectos.

Ministério: *O senhor foi o idealizador da chamada “Semana do Calvário”. Fale um pouco sobre isso.*

Campolongo: Quando assumi as atividades evangelísticas na Associação Paulista, comecei a pensar que a igreja devia aproveitar a época da Semana Santa para pregar o evangelho. Afinal, essa é uma ocasião em que as pessoas estão reflexivas, predispostas a ouvir sobre esse assunto. Encontrava-me pregando em uma cidade do interior paulista sobre “as sete palavras da cruz” e me ocorreu a idéia de que esse tema poderia ser desdobrado em sete dias, uma semana. Foi então que, em 1970, a antiga Associação Paulista promoveu a primeira semana evangelística do calvário. Utilizamos a nomenclatura “Semana do Calvário”, em lugar de “Semana Santa”, para evitar qualquer associação com outras crenças. Foi uma experiência muito boa; as igrejas abraçaram com entusiasmo, e a idéia se espalhou. O pastor José Bessa comprou a idéia e aplicou-a em toda a União Sul-Brasileira que, naquele tempo, abrangia as regiões Centro-Oeste e Sul do país, além do estado de São Paulo. Hoje, o programa é promovido pela Divisão Sul-Americana e envolve toda a igreja, não apenas os pastores.

Ministério: *Hoje, a igreja também possui um canal de TV. Porém, de certa forma, a incursão nessa área tem a marca de seu pioneirismo. Como foram aqueles primeiros dias?*

Campolongo: Quando trabalhei em Araçatuba, desenvolvi a prática de escrever para jornais, e me aproximar dos meios de comunicação em geral, para divulgar o evangelho. Sendo diretor de Comunicação na Associação Paulista, fui escolhido pela comissão diretiva da Divisão Sul-Americana para apresentar o programa “Fé Para Hoje”. Os pastores Roberto Azevedo e Roberto Rabelo tiveram influência muito grande nessa escolha. Minha esposa, professora Neide, estaria comigo na apresentação desse programa, que já tinha similar nos Estados Unidos (*Faith for Today*). Ini-



cialmente, relutamos bastante. Afinal, a televisão era novidade no Brasil. Era uma responsabilidade muito grande, mas com o incentivo de outros colegas como os pastores Azevedo e Rabelo, e depois de muita oração, resolvemos aceitar o desafio. Então, fizemos o contrato com a TV Tupi e, no dia 25 de novembro de 1962, foi transmitido o primeiro programa, ao vivo. O produtor Geraldo Vietri nos ajudou bastante, nos aconselhou a utilizar alguns astros e atrizes famosos daquela época (entre os quais Vida Alves e Tony Ramos), no programa. Aceitamos suas orientações, e os artistas sempre demonstraram a maior boa vontade em colaborar. Um a um, os desafios foram vencidos e o programa continua até hoje no ar, pela TV Gazeta, aos domingos, às 10h.

Ministério: *Quem garantia e garante o suporte financeiro do programa?*

Campolongo: Inicialmente, a Divisão Sul-Americana assumiu o primeiro ano. Depois, essa parte ficou a cargo do Campo. A essa ajuda, nós acrescentávamos os patrocinadores que contribuíam e ainda contribuem generosamente. Houve momentos críticos, mas Deus sempre abriu, milagrosamente, alguma porta em resposta às nossas orações. Lembro-me de certa ocasião em que precisávamos responder à diretoria da TV se iríamos continuar ou não com o programa. Oramos a Deus e, cinco minutos depois, uma pessoa amiga telefonou para minha esposa, pedindo-lhe que me dissesse para ir ao seu escritório na manhã seguinte. Fui, conversei sobre a crise do programa, informei-lhe sobre quanto necessitávamos para não tirá-lo do ar, ela respondeu: “o proble-

ma está solucionado”, e me entregou a importância necessária.

Ministério: *O senhor também trouxe para o Brasil o curso para deixar de fumar em cinco dias.*

Campolongo: Exatamente. Durante uma viagem aos Estados Unidos, em 1962, assisti a uma apresentação de um novo plano criado por dois médicos da Universidade Loma Linda – o *Five Day Plan*, ou Plano Para Deixar de Fumar em Cinco Dias. Consegui aquele material, trouxe-o e providenciei a tradução dele. No dia 8 de junho de 1964, foi realizado o primeiro curso aqui em São Paulo. É bom registrar que, na mesma ocasião, o Pastor Sesóstris César fazia o mesmo em Porto Alegre. Desde então até hoje, participei de três mil cursos para deixar de fumar em todo o Brasil. Mais de um milhão de pessoas deixaram de fumar e muitas se converteram, a partir desse curso que sempre foi utilizado para iniciar as campanhas evangelísticas, com o objetivo de atrair público.

Ministério: *Como foi a participação de sua esposa em todas essas experiências?*

Campolongo: Sempre digo que minha esposa é meu braço direito e também o esquerdo. Ela tem sido tudo para minha vida pessoal e pastoral. Excelente cristã, muito dedicada às atividades da igreja, companheira em todos os momentos, especialista em evangelismo infante-juvenil e, ainda hoje, ajuda no programa de TV. Nas campanhas evangelísticas, realizava cursos de culinária, interagia com as senhoras e senhoritas com simpatia cristã cativante. Alguém já disse, com muita razão, que “nenhum homem realmente vive sem ser guiado pelo amor de uma mulher, e enobrecido por sua dedicação”. Isso é realidade plena em minha vida.

Ministério: *Com sua experiência, como o senhor idealiza o pastor do século 21?*

Campolongo: Acredito que o pastor ideal para esta época tão desafiadora não deveria perder certas características do pastor antigo, entre as quais cito, prioritariamente, o trabalho pessoal. Nada substitui a prática de visitar as pessoas

nos respectivos lares, entrar em contato com elas, instruí-las em todo o caminho de Deus, orar com elas, aconselhá-las, confortá-las. Essa foi a atitude de Jesus Cristo. Ele misturava-Se com as pessoas. O pastor não deve perder essa característica. É através dela que as pessoas o sentem como pastor. Ele deve preparar bons sermões, bíblicos, espirituais, objetivos, relevantes para as necessidades dos ouvintes hoje; sermões que os alimentem espiritualmente e ajudem a se consagrarem à missão. Todo pastor, em qualquer tempo, somente precisa seguir as pegadas de Jesus.

Ministério: *Como o senhor se sente, estando jubilado? Existe alguma coisa que gostaria de ter feito diferente?*

Campolongo: Graças ao meu Senhor, se eu tivesse que começar a carreira hoje, faria tudo da mesma forma. Recebi orientações sábias daqueles que me lideraram, minhas falhas cumpriram seu papel em me proporcionar experiência para não repeti-las, e para buscar mais dependência de Deus. De modo que Deus me dirigiu muito bem. Não tenho frustrações, até porque continuo trabalhando. A equipe do programa Fé Para Hoje (composta de vários irmãos voluntários) realiza congressos todos os sábados, visitamos interessados ouvintes do programa; a diferença é que não dou mais expediente no escritório de uma Associação ou União. O segredo para não sucumbir à nostalgia é trabalhar para levar pessoas a Cristo. Essa luta não terminou.

Ministério: *Qual é sua maior alegria e seu maior desejo, como pastor?*

Campolongo: Saber que milhares de pessoas conheceram Jesus e se uniram a Ele pelo batismo, através das campanhas evangelísticas que foram realizadas. Meu maior desejo é ver Cristo voltar. É sinto que o mundo é um palco que está nos últimos preparativos desse espetáculo. Precisamos, como pastores e como igreja, estar conscientes da solenidade desta hora e nos envolvermos mais e mais nas atividades missionárias, nos dedicarmos à salvação de pessoas dentro e fora dos nossos arraiais. É tempo de orar mais, estudar mais a Bíblia e a nossa literatura inspirada, consagrar nossas famílias a Deus, depender inteiramente dEle para o cumprimento de Seus propósitos em nós e através de nós. Cristo não tardará.

Livres para viver

*Somos atores principais da vida;
gerentes de nossos pensamentos e ações*



Rejane C. S. Godinho

Professora e esposa de pastor na Associação Catarinense

AFAM

É impressionante como todo o nosso ser parece deixar-se dirigir, escravizar e motivar incansavelmente por determinado pensamento que, dia e noite, se assenta no trono da mente, soberano, principalmente quando alimentamos o desejo de alcançar um objetivo. Observe, por exemplo, mulheres grávidas ou que tentam engravidar. Elas parecem enxergar mais grávidas em seu caminho; só vêm roupas e artigos de bebês nas vitrines. Há, também, aqueles homens que quando decidem adquirir certo modelo de automóvel, aparentemente só enxergam esse carro, na cor preferida, rodando pelas ruas. Jovens prestes a se casar facilmente encontram outros casais de noivos, que nunca viram, e passam a trocar experiências preciosas. Ao ver noticiários, ler livros e revistas, o adolescente em fase de vestibular só vê fatos e eventos que possam ser “tema de redação”.

Também muito impressiona o modo como pensamentos negativos prendem a mente e o corpo, com cadeias tão fortes que ficamos imóveis, estáticos. São pensamentos que alimentam ira, frustração, incapacidade, que fazem crescer a inveja, o egoísmo, o ciúme, a inimizade. Pensamentos negativos, entre outros prejuízos, levam à imoralidade sexual, à impureza e ações censuráveis. Eles provocam desunião, divisões.

Senhores de si mesmos

Em seu livro *Seja Líder de Si Mesmo*, Augusto Cury diz que somos atores principais na trama de nossa vida. Muitas vezes, nos assentamos na platéia da vida, tranquilos, assistindo passivamente ao que acontece conosco diariamente, sem termos a iniciativa de tomar as rédeas da situação, para que nos tornemos atores principais da nossa existência.

Entramos em contato com várias pessoas durante o dia, com experiências de vida, temperamentos, personalidades, humores e índoles totalmente diferentes. São homens, mulheres, crianças, adolescentes e jovens que passam a fazer parte do nosso dia-dia e de nossa vida, por causa de suas palavras e

ações. Depois de cada encontro, nunca mais seremos as mesmas pessoas, porque todos nós influenciamos e somos influenciados nos contatos mantidos. Conseqüentemente, palavras e ações nos farão alimentar pensamentos positivos ou negativos a respeito de nós mesmos, o que determinará o sucesso ou fracasso na concretização de nossos sonhos, alvos e metas.

Na carta de Paulo aos cristãos efésios, lemos o seguinte: “Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. ... Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade, provando sempre o que é agradável ao Senhor” (Ef 5:6, 8-10).

Lições oportunas

Podemos enumerar algumas importantes lições desse texto:

- ♦ Não devemos permitir que conversas tolas (aquelas que suscitam pensamentos negativos) nos envolvam, rebaixando nossa auto-estima, dissolvendo sonhos, destruindo nosso casamento, nem o relacionamento com as pessoas que nos são queridas – filhos, pais, familiares e amigos.
- ♦ A obediência e o relacionamento com Deus aumentam o fluxo de pensamentos positivos e, conseqüentemente, o sucesso pessoal em todas as áreas da vida.
- ♦ Quando nos decidimos por Cristo, também optamos por alimentar pensamentos positivos e realizar ações positivas. É isso que a Bíblia quer dizer com a expressão “estar na luz”.
- ♦ Viver na luz, isto é, ter pensamentos e atos positivos, resultará em grande colheita de bondade, honestidade, verdade e muitas outras virtudes.

Hoje é o dia de assumirmos o posto central de nossa vida: o de gerenciarmos nossos pensamentos, alimentando os positivos e matando por inanição os negativos. Hoje é o dia de retomarmos a busca de sonhos e alvos, antes negligenciados. ❁

A mais alta vocação



Ken Crawford

Presidente da Associação
do Alaska, Estados
Unidos

*Quanto mais
o líder se
distanciar
da função
pastoral, mais
ele perderá a
habilidade para
compreender seu
verdadeiro papel*

Permita-me ser honesto. Durante anos, em algum lugar no meu coração, permaneceu escondido um secreto desejo de ser administrador; tentar colocar minhas mãos no timão da liderança denominacional. Talvez, isso tenha acontecido por causa do elevado pedestal em que eu costumava colocar o conceito de liderança. Também pode ser porque eu desejasse enfrentar o desafio de liderar e influenciar o rumo da igreja, em maior extensão do que poderia fazer na congregação local. Não deve ter sido por causa do orgulho do reconhecimento ou fascínio por posição. Bem, gostaria de pensar que meus motivos não fossem carnisais.

O fato é que a oportunidade de me tornar administrador chegou, e estou, agora, celebrando o segundo aniversário na função. Talvez, “celebrando” não seja a palavra correta. Acho que “refletindo” seja a melhor palavra.

Depois de investir os últimos dez dos meus 25 anos de pastorado cuidando de igrejas, fui eleito presidente de Associação. Não precisei escalar nenhuma montanha para examinar o vale abaixo, mas de onde me encontro e da minha experiência nos dois últimos anos, pude comparar o papel de presidente com o do pastor. E encontrei alguns despenhadeiros imprevistos, os quais relaciono a seguir.

Já não estudo tão profundamente como fazia antes. Durante os anos de trabalho pastoral, eu encontrava o maior deleite no estudo profundo da Palavra. O poder do conhecimento bíblico transformador e as mudanças que aconteciam em meu próprio pensamento maravilhavam-me. Não raras vezes, eu tinha de parar e prostrar-me diante do Espírito em grato reconhecimento por Sua direção.

Todos os sábados as pessoas se dirigiam para o templo com uma esperançosa questão: “Há alguma palavra do Senhor?” (Jr 37:17). Elas necessitavam de uma perspectiva celestial para compreender seu passado e dirigir seu amanhã. Instrução espiritual do púlpito, a fim de influenciar e guiar a mente das pessoas é um dos papéis mais vitais de um pastor, o qual nunca é totalmente compreendido. O peso dessa responsabilidade guiava-me cada vez mais profundamente a uma vida de oração e estudo. A Bíblia tornou-se um oráculo vivo de Deus, com seu poder extraído de horas e horas de pesquisa e meditação sobre as Escrituras e comentários. Senti-me diante de um mistério e uma revelação, quando percebi minha mente abrindo-se constantemente à maravilha do plano da salvação.

Estou perdendo a habilidade para pregar. Como administrador, descobri que as demandas por reuniões e viagens usurpam o tempo e a habilidade necessários para estudar profundamente. Descobri-me um misturador procurando amontoar velhos sermões, em busca de alguma coisa para alimentar espiritualmente o povo. Um idoso pastor, que dedicou a vida ao pastorado de igrejas, disse certa vez: “Beba sempre de uma fonte corrente; jamais tente dar ao povo água de fonte estagnada”. E eu levei muito seriamente esse conselho em meu pastorado. Se eu não sentisse meu coração queimar dentro de mim, não pregava. Porém, agora, eu me vejo de vez em quando repetindo o mesmo sermão de igreja em igreja, tanto que, às vezes, até minha esposa se queixa.

Estou longe do coração do povo. Não existe vocação mais elevada que o ministério pastoral. O pastor é um cirurgião de almas. Seu chamado, assim como o de Moisés, consiste em guiar o povo aos limites da Canaã celestial. Como emissário do Céu, você, pastor, é chamado para viver com as pessoas e ministrar a elas. Essa vocação é a mais desafiadora e, ao mesmo tempo, a mais recompensadora na Terra.

Em muitas maneiras, o ministério pastoral é mais difícil que o trabalho na administração. Pastorear o rebanho significa viver com os santos diariamente. Você acaba conhecendo suas fraquezas, seus altos e baixos, porém os ama de qualquer modo. Esses santos/pecadores formam sua família mais ampla e você forja relacionamentos que são profundos e duradouros.

Na administração, as pessoas o tratam diferentemente. Com o respeito pela função, vem a distância no relacionamento; não intencionalmente, mas pouco a pouco. É por isso que os administradores e diretores de departamentos tendem a socializar-se mutuamente. Eles sentem à distância do restante das pessoas e percebem a diferença no tratamento.

Encontro dificuldade para construir uma base evangelística. Como pastor, eu tinha como prioridade tentar expandir constantemente minha base de evangelização. Nesse processo, procurava me aproximar de pastores de outras denominações, clubes de serviço comunitário, como o Rotary e muitas outras instituições que me fosse possível contatar. Meu objetivo era construir uma base a fim de alcançar pessoas fora de meu círculo, e essas organizações sempre se mostravam como vias maravilhosas de acesso a tais relacionamentos. As demandas administrativas, viagens e reuniões não me permitem fazer isso. Aliás, esses requerimentos nem permitem desenvolver uma base ampla no relacionamento interpessoal.

Tenho observado que em ambientes nos quais vive ou trabalha grande número de adventistas, essa base social constantemente diminui. Quando vivi ao redor de instituições educacionais, percebi essa dura realidade. Muitos constroem uma base social apenas entre si mesmos. Professores, alunos e membros em geral tendem a introverter-se numa rede social fechada e perdem a sintonia evangelística.

Sinto mudanças em meu pensamento cognitivo. Ultimamente, tenho notado sutis mudanças em meu pensamento. Talvez, isso esteja acontecendo porque emprego muito tempo tratando de vários assuntos. Alguns anos atrás, como diretor de departamento, fui ao escritório do presidente da Associação e o encontrei assustado com algumas dezenas de números de telefones aos quais ele precisava retornar ligações. Enquanto olhava para aqueles números, ele disse: “Gostaria muito de saber que pelo menos uma dessas ligações será positiva e inspiradora.”

“Pastorear o rebanho significa amá-lo, apesar de suas fraquezas e seus altos e baixos”

A descrição do trabalho administrativo inclui ter em mente uma visão e liderar a igreja em direção a grandes metas e elevados ideais. Porém, a vasta maioria do trabalho trata de questões pessoais e seculares. O trato constante de problemas dessa natureza muda sutilmente seu pensamento, porque você freqüentemente deixa de exercer o papel de conselheiro espiritual para assumir o de mentor e gerente.

Organização e estrutura evoluem naturalmente para a preocupação sobre quão bem estamos administrando. Quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia foi estabelecida, a média de idade entre os obreiros era de 23 anos, e isso incluía José Bates, cuja idade empurrou essa média para cima. Mas, esses jovens tinham visão, junto com um saudável ceticismo relacionado à organização, e um claro propósito do plano de Deus para eles. Mais de 160 anos depois, vivemos um institucionalismo de sucesso, preocupados com o que estamos fazendo.

Encontro-me avaliando a força espiritual da comunidade através de números. Tenho me preocupado com batismos, gráficos sobre evolução dos dígitos, relatórios e fórmulas indicativas do crescimento exitoso. Menciono isso

com certa relutância, porque não desejo ser mal interpretado, muito menos colocar em dúvida nossas prioridades missionárias. De acordo com Ellen White, “a salvação de almas humanas é um interesse infinitamente acima de qualquer outro ramo de trabalho em nosso mundo” (*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 293). Evangelismo é nossa missão, mas noto quão facilmente nos tornamos preocupados em mensurá-lo em bases materiais, numéricas. Às vezes cruzamos a tênue linha demarcatória do limite entre vocação espiritual e sucesso corporativo.

O papel do pastor

Durante a cerimônia de minha ordenação, o pastor Harold M. S. Richards Jr., em sua mensagem, disse o seguinte: “Não existe mais alto chamado que o papel de pastor. Não sucumbam à obsessão para se tornarem administradores. Isso tem sido a ruína de muitos bons pastores.” Estou começando a experimentar a sabedoria dessas palavras. Não me entenda mal. Alguém precisa administrar a igreja e seus segmentos. Os tempos atuais exigem que ela tenha o melhor em sua liderança. Tenho contato com líderes de vários níveis na igreja e estou convencido de que Deus a tem dirigido nesse propósito. Agrade-me ver o foco espiritual e a sincera dedicação de nossos líderes. Estou certo de que a grande maioria deles jamais perdeu sono, ansiando ocupar posições tidas como “destacadas”. O fato de eles se terem tornado administradores significa que Deus os chamou para usar seus dons nessa função.

Entretanto, quanto mais o líder se distanciar da função pastoral, mais ele perderá a habilidade para compreender seu papel. Possivelmente haja sabedoria na idéia de uma espécie de jubileu, em que administradores e professores possam retornar ao trabalho pastoral, a fim de afiar suas habilidades e redirecionar o foco de suas prioridades.

Enquanto sinto claramente o chamado de Deus para a função administrativa, também começo a me alegrar com os desafios inerentes a essa responsabilidade. Entretanto, ao mesmo tempo, estando convencido de que não existe maior vocação na Terra que a pastoral, posso lhe garantir que trabalhar e manipular situações e acontecimentos com o objetivo de ser “promovido” não é a melhor coisa a fazer. ❧

Líder por excelência



Euri Santos Silva

Esposa de pastor,
trabalha na Associação
Brasil Central

"A causa de Deus encontra-se, neste tempo, em necessidade de homens e mulheres possuidores de raras qualidades e boas aptidões administrativas"

Um dos maiores desafios enfrentados por um líder, nos dias atuais, é o de coordenar o trabalho de tal modo que não dê lugar para insatisfações e queixas. O líder define os rumos do grupo e até mesmo da instituição à qual serve. Por isso mesmo, além de ser vocacionado, ele precisa ter preparo adequado e ser exemplo de vida.

Imaginemos uma batalha travada entre um grupo de ovelhas e um grupo de leões. Qual, logicamente falando, seria o grupo vencedor? Certamente, apostaríamos no grupo dos selvagens leões, pois eles são mais fortes, ferozes e carnívoros, e facilmente devorariam as frágeis ovelhas. Porém, tudo pode depender do líder. Como já disse alguém, "um exército de ovelhas liderado por um leão venceria um exército de leões liderado por uma ovelha". Na verdade, vitória ou derrota, sucesso ou fracasso dependem do líder.

Especialistas dizem que há três métodos de liderar: puxar, empurrar e conduzir. No primeiro caso, são necessárias paciência, perseverança e muita força. É um método ineficaz e cansativo; magoa e estressa o líder. O método do empurrão exige força exagerada, autoritarismo e, às vezes, um pouco de crueldade e senso de desumanidade. Além de ser também ineficaz e muito exaustivo, acaba magoando líder e liderados. Condução é, portanto, o método ideal. É eficaz, pouco exaustivo e nada estressante. Esse foi o método exemplificado e recomendado por Cristo, o líder por excelência.

O supremo exemplo

Conhecendo as condições sob as quais Jesus nasceu, os preconceitos contra a cidade na qual Ele cresceu, quem acreditaria que Nazaré daria ao mundo o maior líder da História? Nenhum outro líder causou tanto impacto como Jesus, o nazareno. Traduzindo Suas qualificações de Bom Pastor e manso Cordeiro de Deus para a realidade dos nossos dias, podemos afirmar que alguém só poderá ser líder por excelência se for revestido dessas qualidades. Como bom pastor, será competente para conduzir. Como cordeiro, será manso, amoroso, humano e humilde.

Como líder supremo, Jesus foi habilidoso no manuseio de Seu cajado. Ao utilizá-lo, fazia-o cuidadosamente, apenas como instrumento para conduzir as ovelhas, jamais para castigá-las ou feri-las. Mesmo quando expulsou cambistas e vendilhões do templo, Ele teve o cuidado de não agredir. Estava com o coração ferido, mas a ninguém feriu. Naquele momento, todas as Suas palavras foram de amor e zelo pela missão que Lhe fora confiada pelo Pai. Como fundador e líder da igreja na Terra, esteve sempre dentro dos parâmetros celestiais. Viveu como homem entre os homens, mas jamais pisou em falso. Estava a serviço do Pai, e isso era suficiente para que vivesse segundo o coração dEle. As Escrituras afirmam que Ele andava fazendo o bem, somente o bem (At 10:38).

Ele foi imparcial. Sua atitude jamais foi de superioridade autoritária e egoísta. Chorou com o sofredor e brindou com o vitorioso. Foi perseguido por Seus inimigos, mas a ninguém perseguiu. Indivíduos se fizeram Seus inimigos, mas Ele jamais foi inimigo de alguém. Jamais falhou. Era sincero e direto, porém, amoroso e dócil. Seus liderados O

viam com simpatia, respeito e admiração. Sua presença transmitia satisfação e segurança.

Cristo exerceu liderança participativa, permitindo que os liderados desempenhassem tudo o que lhes fosse possível. Era comprometido com todos, no sentido de fazê-los compreender Sua missão e a vontade do Pai. Transparência e integridade foram notáveis características de Sua liderança. Ao realizar feitos extraordinários, atribuiu a honra e a glória ao Pai, não a Si mesmo. Viveu unicamente para servir. De fato, humildade, desprendimento e profundo amor por Seus liderados fizeram a diferença em Sua vida.

Características

O líder cristão atual deve possuir as seguintes características especiais:

- ◆ Valoriza pessoas; está sempre pronto a elogiar.
- ◆ Usa freqüentemente as palavras-chaves: “por favor”; “muito obrigado”.
- ◆ Investe, constantemente, no crescimento pessoal e dos liderados.
- ◆ Luta com dignidade para alcançar seus ideais.
- ◆ Arrisca-se, mesmo que não tenha certeza de que terá êxito.
- ◆ Reconhece seus erros e fraquezas, antes de apontar falhas nos liderados.
- ◆ É responsável, íntegro, justo e honesto. Tem boa reputação e procura mantê-la.
- ◆ É seguro e consciente, não tendo, portanto, motivo para ciúmes.
- ◆ Interessa-se pela pessoa, mais que por seu rendimento em grupo.
- ◆ É simpático, amigo e sincero.
- ◆ Chama a atenção para erros cometidos, com a dignidade e o amor de Cristo.

- ◆ Não dá margem para murmurações.
- ◆ Facilita o diálogo sincero, e não é vingativo.
- ◆ Preserva a boa imagem e promove o crescimento da instituição à qual serve. Sabe o que é melhor para ela, por isso toma decisões seguras.
- ◆ Prefere fazer o que é correto, em vez de fazer o que o torna popular.
- ◆ Não é centralizador nem autoritário, mas dinâmico e democrático.
- ◆ Reveste-se da humildade de Cristo.
- ◆ É prático e servidor.
- ◆ Vive e trabalha na dependência do Supremo Líder.

Sugestões

Se estiver com a chaminé suja e entupida, o fogão de lenha reterá fumaça, enegrecerá toda a casa, comprometendo assim a limpeza das paredes, o telhado e até a saúde dos moradores. Estando com o pino livre de detritos, sem acúmulo de gordura, ou seja, bem limpo, a panela de pressão não oferecerá perigo de explosão. Portanto, se você deseja ser líder por excelência, atente para as seguintes sugestões:

- ◆ Mantenha-se limpo de mãos e puro de coração. Conserve a consciência limpa; examine-a constantemente.
- ◆ Não permita que a imaturidade ou a arrogância ofusquem o brilho de sua eficiência.
- ◆ Em tudo, faça a vontade de Deus. Aquele que age segundo a própria vontade ou a vontade dos homens deixará de fazer parte dos escolhidos do Senhor.

- ◆ Não se empenhe em tirar vantagens da liderança que você exerce, nem para você nem para os que lhe são mais chegados.
- ◆ Seja seu único objetivo alcançar os objetivos de Deus. Para isso você foi escolhido.
- ◆ Tudo o que vier às suas mãos para fazer, faça-o na certeza de agradar a Deus, mesmo que desagrade à maioria das pessoas.
- ◆ Coloque-se nas mãos de Deus e deixe-se guiar por Ele a cada instante. O Senhor do universo deixa de chamar muitos altamente capacitados, mas orgulhosos, para escolher e capacitar o servo humilde.

“A causa de Deus encontra-se, neste tempo, em necessidade de homens e mulheres possuidores de raras qualidades e boas aptidões administrativas; homens e mulheres que cuidem paciente e inteiramente das necessidades da obra nos vários campos; que sejam dotados de grande capacidade de trabalho; que possuam coração fervoroso e bondoso, cabeça refletida, bom senso, juízo imparcial; que sejam santificados pelo Espírito de Deus, e possam dizer destemidamente “Não”, ou “Sim” aos planos propostos; que tenham fortes convicções, entendimento claro, e coração puro e compassivo; que ponham em pratica as palavras: ‘Todos vós sois irmãos’ (Mt 23:8); que se esforcem por erguer e restaurar a humanidade caída.” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 249).

Em suma, o líder por excelência se entrega por completo ao trabalho, sem esperar recompensa terrena. Ele tem seus ideais voltados para a eternidade, em consonância com o conselho de Paulo: “Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da Terra” (Cl 3:2). ❧



Decálogo para pastores



Stan Hudson

Pastor em Washington,
Estados Unidos

*O que líderes
cristãos de hoje
podem aprender
da experiência de
Moisés como guia
de Israel*

Moisés é meu herói favorito no Antigo Testamento. Seu caráter possuía tão excelentes qualidades, que Deus escolheu falar direta e unicamente com ele.

As dificuldades que Moisés enfrentou enquanto pastoreava Israel têm-se demonstrado uma fonte de grande conforto para mim, como pastor. Poucas coisas são tão animadoras como ouvir a respeito de provas que outros companheiros de ministério enfrentaram e venceram, pois isso nos ajuda a enfrentar e superar também nossos obstáculos. Nesta altura, desejo enumerar dez mandamentos que os pastores devem observar. Eles foram extraídos do meu aprendizado com Moisés.

1. Aprenderás como orar efetivamente

Ore sempre tendo em mente a agenda de Deus, não a sua. Moisés foi um especialista não apenas em buscar ouvir a Deus, mas também em conseguir Seu auxílio. Ele tentava conservar em mente o quadro mais amplo das situações. Em Êxodo 32:11-14, nós o encontramos suplicando a partir da perspectiva de um grande conflito. Ele apelou ao desejo de Deus, no sentido de ser corretamente conhecido pelos descrentes e ter Suas promessas vistas como se fossem escritas em pedra. Glorificar a Deus é sempre o melhor motivo da oração.

2. Conhecerás Deus face a face

Moisés pediu a Deus que perdoasse aos israelitas depois de terem pecado, adorando o bezerro de ouro. O gracioso caráter do Senhor, garantindo-lhe o perdão para Israel, em resposta à sua oração, fez com que ele desejasse captar uma visão mais íntima da glória divina. E Deus foi atencioso com esse pedido (Êx 33:17-19), pois Ele está sempre desejoso de nos mostrar tudo o que pudermos suportar a Seu respeito.

3. Gastarás tempo com Deus e serás transformado

Depois de passar quarenta ininterruptos dias com Deus, a face de Moisés irradiava o brilho da luz divina. E "Arão e todos os filhos de Israel... temeram chegar-se a ele" (Êx 34:30-33). De fato, a glória de Deus atrairá pessoas sinceras que desejam abandonar seus pecados, ou será repudiada por aquelas que desejam neles permanecer. Quanto a você, não se surpreenda de que cada vez maior quantidade de tempo investido junto a Deus o tornará mais brilhante, como indivíduo e como pastor.

4. Não defenderás tua liderança pessoal

Deus está pronto a defender você e seu trabalho e, na verdade, Ele faz isso muito melhor do que você. No passado, Ele abriu a terra fazendo-a engolir um grupo de indivíduos problemáticos que se opuseram à liderança de Moisés (Nm 16:2, 3, 28-35). Não me leve a mal, mas eu gosto da história descrita nesses versos. Sempre

nos deparamos com a terrível tentação de nos defender e defender a nossa liderança; mas, também nesse sentido, Deus faz trabalho superior ao nosso. É muito interessante notar que o espírito de rebelião contra líderes designados por Deus, sempre foi considerado por Ele um desafio à Sua própria liderança. Nós devemos lutar em defesa da causa do Senhor, e Ele Se dará ao trabalho de nos defender, quando for necessário.

5. Delegarás tarefas

Não tente levar sozinho toda a carga. Partilhe as bênçãos do trabalho com outros líderes. Êxodo 18:21-23 nos relata o sábio conselho de Jetro, sogro de Moisés: “Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez; para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a ti, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo. Se isto fizeres, e assim Deus to mandar, poderás, então, suportar; e assim também todo este povo tornará em paz ao seu lugar.” Pode não ser muito fácil conseguir voluntários dispostos a ajudar a levar o fardo; mas é o melhor caminho a seguir.

6. Lembra-te de que serás menos honrado por aqueles aos quais mais amas

Não se surpreenda de que alguns dos seus auxiliares mais chegados, em algum momento, poderão se tornar seus maiores obstáculos. Demasiada familiaridade pode ser grande fonte de problemas, porque aqueles que são mais íntimos também conhecem seus defeitos. Números 12:2, 5, 6, 8-10 registra as lutas de Moisés com seus irmãos, Arão e Miriam. Jesus também chamou a atenção para essa realidade, quando afirmou que “não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa” (Mt 13:57). Isso pode significar mais que membros da família. Algumas vezes, amigos íntimos podem surpreendê-lo. Somente Deus é absolutamente confiável. Ele estará com você em quaisquer circunstâncias.

7. Não ouvirás queixas habituais

Pessoas queixosas dificultam as a-

ções do líder, por causa da visão pessimista que possuem. Elas dimensionam exageradamente as dificuldades. Essa foi a atitude manifestada por dez entre os doze espias que Moisés enviou para avaliar Canaã. As reações dos israelitas ao relatório apresentado por eles podem ser encontradas em Números 13:30-32; 14:2, 3. Os queixosos não cruzaram os limites da terra prometida, embora não tivessem mentido a respeito das dificuldades encontradas. Faltou-lhes coragem e confiança para visualizarem as possibilidades de vitória. Igrejas que ouvem queixosos habituais caminham em círculos, como fizeram os filhos de Israel no deserto.

8. Buscarás o apoio dos líderes

Quando os braços de Moisés se enfraqueciam, durante a batalha contra os amalequitas, Israel também enfraquecia. Deus não o tornaria vitorioso até que compreendesse que somente venceria quando Moisés também vencesse (Êx 17:8-13). Quando o pastor desfalece em seu ânimo, a igreja desejosa de sucesso deve estar disposta a reerguê-lo, pois apoiar líderes comissionados por Deus é um gesto construtor de vitória. O pastor deve escolher líderes espirituais, capazes, de espírito voluntário, dispostos a colaborar, e que se façam presentes em todos os momentos.

9. Lembra-te de que a congregação esquece

Depois de muitas vitórias retumbantes que Deus concedeu aos israelitas através da liderança de Moisés, eles ainda resolveram golpear o coração do líder. Números 14:4 registra que, depois das pragas, da abertura das águas do Mar Vermelho, do maná concedido miraculosamente, todos os dias, Israel atreveu-se a recusar seu pastor, nos limites de Canaã: “E diziam uns aos outros: Levantemos um capitão e voltemos para o Egito”. Como naquele tempo, ainda hoje, a memória curta é uma grande explicação para a perda de fé.

10. Confiarás na direção de Deus

Raramente, Deus nos guia em linha reta. De fato, na experiência dos israelitas, propositadamente Ele os testou, guiando-os por lugares desconfortáveis, e isso às vezes deu a impres-

são de que Moisés era um líder medíocre. No relato de Deuteronômio 8:2, 3, encontramos que Deus os fez ziguezaguear no deserto, com o propósito de ensiná-los a depender de Sua providência. É justamente quando parecemos nos sentir carentes de sabedoria e força terrestres para enfrentar os problemas da vida, que buscamos ajuda de cima.


São esses os dez mandamentos que nós, pastores, devemos observar. Contudo, existe mais um importante item a ser lembrado.

Tempo de parar

Devemos reconhecer e aceitar o fato de que chegará o tempo em que teremos de transferir nossas responsabilidades para outros. Embora fosse um grande líder, escolhido por Deus, Moisés, em suas limitações humanas, não conseguiu manter o mesmo desempenho durante 40 anos. Houve um momento em que ele se mostrou tão cansado de pastorear Israel e ouvir suas queixas e lamentações que, impacientemente, feriu a rocha quando deveria apenas lhe falar a fim de prover água para a multidão sedenta (Nm 20:10-12). Aquela rocha era símbolo de Cristo, e o grande líder foi impedido de entrar em Canaã, embora já estivesse na pátria celestial.

Ao longo dos anos, como pastor de Israel, Moisés foi acusado de arrogância, descuido pelo povo, incompetência, mediocridade, parcialidade, e muito mais. Porém, durante a maior parte do tempo, ele permaneceu humilde diante de Deus, desfrutando o privilégio de íntima comunhão com o Salvador de Israel. Nessa experiência, ele aprendeu quando e como tirar as sandálias.

Quando o ressuscitado Moisés apareceu junto a Cristo no Monte da Transfiguração, estava representando os santos que experimentarão a morte, mas que serão ressuscitados para viver eternamente com Jesus. Penso que Moisés também representa a nós, pastores, que temos vivido nossos momentos de vitórias e momentos de aparente derrota; porém, continuamos firmes e resolutos em nossa vocação de ajudar as ovelhas que Deus nos confiou a cruzar o Jordão da existência terrestre.

Que possamos refletir, em nossa vida e nosso pastorado, a experiência de intimidade que Moisés teve com o Rei da Glória. 

Revelando o mistério do evangelho



Alejandro Bullón

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

O mundo ignora as boas-novas de salvação. Mas somos os instrumentos escolhidos por Deus para torná-las conhecidas

Paulo atravessava o vale de sombras, quando escreveu a epístola aos efésios. Estava preso em Roma. Seu único delito tinha sido pregar o evangelho. Naqueles tempos, não existia a Anistia Internacional nem alguma outra instituição que defendesse a liberdade de ser e de crer. Roma era governada pelo sanguinário Nero. A grande metrópole era habitada por gente libertina, corrupta e violenta. A vida pouco valia; matava-se por qualquer motivo.

A História registra um incidente revoltante. O senador romano Pedanio Secundo fora assassinado por um escravo e, como castigo, quatrocentos escravos marcharam para o cadafalso. Esse é um exemplo de como a injustiça era o pão diário de um povo explorado. O mundo estava dividido em dois grupos: de um lado, os líderes abastados, vivendo uma vida faustosa, esbanjando dinheiro, tempo e saúde na busca desesperada do prazer. Do outro lado, um povo injustiçado, explorado, alimentando-se da humilhação e da miséria cotidianas.

Foi nesse contexto que Paulo escreveu aos cristãos efésios. Enquanto escrevia, sofria a dor de estar encarcerado, envelhecido e castigado pelo duro inverno daquelas terras. Mas, acima de tudo, sofria porque a prisão o impedia de continuar no cumprimento de sua tarefa evangelística.

Paulo se preocupava com a igreja. A carta aos efésios é uma prova dessa preocupação. O tema central da epístola é a unidade do povo de Deus. Para restaurar aquele mundo feito em pedaços que era Roma, era preciso uma igreja unida; e, para isso, era necessário ter famílias e indivíduos unidos. O tema da unidade é como fio dourado que dá coerência a esta carta.

Unidade em Cristo

Como é possível obter unidade dentro da igreja? Para o apóstolo, só existia um caminho: “Em Cristo”. Essa expressão é repetida 27 vezes na epístola. Para ele, “em Cristo” era mais que uma simples expressão que todo “pregador cristocêntrico” deve usar. “Em Cristo” exprimia sua realidade espiritual. Sua experiência diária estava centralizada “em Cristo”.

Escrevendo aos filipenses, disse: “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para conseguir Cristo e ser achado nEle...” (Fp 3:8, 9). Paulo foi apaixonado por Cristo. Seu encontro com o Mestre, no caminho de Damasco, mudou o rumo de sua história. A partir de então, Jesus passou a ser tudo para ele.

Foi essa experiência de vida que o tornou destemido, mesmo nos momentos de escuridão e luta. Sozinho na prisão, em lugar de se sentir abandonado e triste, escreveu: “sede fortalecidos no Senhor e na força do Seu poder” (Ef 6:10). Depois, mencionou os sete instrumentos do crescimento “em Cristo”, um dos quais é a oração. O apóstolo explicou como deve ser a vida do cristão vitorioso: “orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos” (Ef 6:18).

Esse é o contexto para o versículo que deu origem ao título deste artigo. Depois de pedir que os efésios orassem em todo tempo e que suplicassem por todos os santos, o apóstolo acrescentou: “e por mim também” (Rm 15:30; 2Co 1:11; Fp 1:19; Cl 4:3). Você pode ver o gigante da pregação sentindo-se humano e carente, como qualquer outra pessoa. A grandeza de seu ministério foi conseqüência do seu senso de humildade. Com freqüência, ele expressou a profunda necessidade de que a igreja orasse em seu favor.

“Orem por mim”, suplica. Mas não pede por sua saúde, família, nem por sua liberdade. “Orem por mim”, diz, “para que me seja dada, no abrir de minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho” (Ef 6:19).

Pregação com autoridade

O primeiro pensamento desse texto tem que ver com a prioridade da pregação. Aqui, o apóstolo está falando da razão de sua existência. Escrevendo aos coríntios, disse: “ai de mim se não pregar o evangelho” (1Co 9:16). Preguar era prioridade em seu ministério. Era consciente da importância da pregação como instrumento poderoso para alcançar corações não convertidos. Aquela Roma soberba e orgulhosa devia ser abalada pelo poder da pregação. Daí, o cuidado para que a pregação fosse levada a sério: “que me seja dada”, disse, “no abrir de minha boca, a palavra”.

O segredo da pregação poderosa reside na Palavra. Pela Palavra de Deus foram criados os céus e a Terra. Pela Palavra de Deus, paráliticos andaram, leprosos foram curados. A Palavra de Deus libertou endemoninhados e ressuscitou mortos. Há poder na Palavra de Deus. A autoridade no ministério vem de Deus, através da Palavra.

Nenhum pastor pode se dar ao luxo de pensar que a Palavra é opcional em sua pregação, nem que é apenas um pretexto para caracterizar como bíblica a pregação. A Palavra não pode ser lida apenas para complementar alguma idéia humana. Não pode ser usada apenas como ferramenta auxiliar. A Palavra precisa ser o fundamento da pregação. O sermão que transforma vidas nasce da Palavra; não apenas fala da Palavra. Paulo era consciente disso. Por essa razão, pediu que os efésios orassem,

a fim de que, quando ele abrisse a boca, lhe fosse concedida a Palavra.

O segundo pensamento do texto está relacionado com o modo da pregação: “no abrir da minha boca” e “intrepidez” são expressões que revelam convicção e autoridade. A autoridade da pregação do apóstolo nascia de sua convicção do evangelho e essa convicção estava fundamentada na Palavra e na experiência. A verdadeira convicção não é alimentada apenas por idéias. Ela brota da vida. O evangelho, para Paulo, não era somente teoria, mas vivência. “Para mim, o viver é Cristo” (Fp 1:21). Ele não imaginava a vida sem Cristo. “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”, afirmou (Gl 2:20).

Pode você imaginar Paulo correndo para cumprir sua agenda de trabalho, sem ter passado tempo a sós com Deus? Se assim fosse, como poderia ele dizer que seu viver era Cristo? Como poderia declarar que não mais vivia, porém Cristo vivia nele? É utopia sonhar em ser um pregador poderoso, como Paulo, sem viver a experiência pessoal que ele teve com Jesus. O grande pregador não era Paulo, mas Cristo nele. “Que me seja dada”, pediu. Ele sabia que nada tinha em si. Era apenas instrumento. Não é um título acadêmico nem reconhecimento doutoral que confere autoridade à sua pregação. Não são seus atributos ou habilidade. Não é sua boa oratória nem sua acuidade mental. “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar” (Ef 2:8).

Note: “a graça de pregar”. Não a habilidade. Não a capacidade. A graça. Graça é o que você não merece, no entanto recebe. Paulo sabia que o poder de sua pregação era graça concedida. Por isso, buscava a Deus, todo dia, em oração. Suplicava aos irmãos que orassem por ele, para que a Palavra lhe fosse dada. Isso é graça. A intrepidez nascendo da insignificância. A autoridade brotando da dependência. A eficácia resultando da humildade.

Qual é a razão pela qual Paulo desejou ser intrépido? Para que finalidade buscou autoridade na pregação? Ele mesmo responde: “para fazer conhecido o mistério do evangelho”. O mundo perece porque ignora as boas-novas da salvação. As maravilhas do evangelho são mistério para os que correm atrás de suas próprias verdades, esquecendo-se daquele que é a verdade suprema e absoluta de todos os tempos.

Recebendo para dar

Nos dias de Paulo, Roma estava perdida no emaranhado de filosofias, prazeres e egoísmo. Para os romanos, as coisas simples do evangelho pareciam néscias, e a Deus ocorreu salvá-los pela “loucura da pregação”. Paulo era o instrumento e estava consciente disso. Encerrado numa escura prisão, ele temeu e suplicou. Temeu cair na mediocridade pastoral. Temeu que sua pregação se tornasse oca, vazia, superficial. Temeu ser contagiado pelo humanismo e o secularismo de seu tempo. Temeu perder a autoridade da Palavra. Por isso, pediu aos efésios que orassem em seu favor. Desejava subir ao púlpito na certeza de ser instrumento nas mãos de Deus.

Nosso desafio é o mesmo que Paulo aceitou em seu ministério. Um braço de sua pregação se estendia em direção ao poder divino, através da Palavra e da oração. Orava ele, e pedia à igreja: “orem por mim”. Passava tempo a sós com a Palavra. Somente na carta aos efésios, ele apresenta 16 pensamentos extraídos do Antigo Testamento, o que mostra que ele investia muito tempo com a Palavra.

O outro braço de sua pregação se estendia em direção às pessoas para as quais falava. Ele as conhecia, sabia de suas lutas e tribulações, e tentava responder às inquietudes humanas de seu tempo. Não falava ao vento. Sua mensagem não era simples exposição de um pensamento. Preocupava-se em aplicar as verdades eternas à realidade de cada ser humano. Sua meta era atingir o coração, não apenas a mente. “Pois minha testemunha é Deus, da saudade que tenho de todos vós, na terna misericórdia de Cristo Jesus”, escreveu ele aos filipenses (Fp 1:8). E mais: “o meu Deus segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4:19). Isso é sair da mera exposição teórica e tocar as emoções dos ouvintes.

Você e eu fomos chamados para o ministério pastoral. A você e a mim Deus confiou o ministério da pregação. Que estamos fazendo com ele? Somos conscientes de sua importância, na bendita missão de transformar vidas? Oramos e pedimos à igreja que ore por nós, como fazia o gigante da pregação, para que nos seja dada, no abrir da boca, a Palavra? Precisamos disso, a fim de tornar conhecido o mistério do evangelho. ❧

Paulo, o pastor



Apolo Streicher

Pastor na Associação
Catarinense

*Sabedor de
suas limitações
humanas, o
intrépido apóstolo
dos gentios
também era
consciente de que
seu chamado se
fundamentava
em Deus*

Um grande missionário e grande plantador de igrejas. E assim que nos lembramos de Paulo. Estamos acostumados a ouvir de seu heroísmo em favor do evangelho, de sua firmeza na defesa dos princípios cristãos, e de sua coragem ao enfrentar qualquer situação ou pessoa, em nome da verdade. Nos círculos teológicos, ele é considerado “pai da teologia e da missiologia”. Em muitas ocasiões, esteve frente a frente com a morte, mas não desistiu de sua missão.

Essa missão se lhe afigurava mais abrangente do que simplesmente pregar, batizar e ir embora. Interessava-se profundamente pela comunidade de fiéis que nascia em resposta à sua pregação. Não há dúvida de que ele exerceu o ministério pastoral em toda plenitude. Nem poderia ter sido diferente, porque a chama que ardia em seu coração, o zelo que consumia sua alma, a maior paixão de sua vida era apresentar a Cristo uma igreja redimida, imaculada e pura como noiva ataviada para seu esposo.

Se na leitura do livro de Atos transparece o Paulo evangelista, nas epístolas nós o encontramos como pastor-modelo. Nas palavras de Ellen White, “entre aqueles que foram chamados para pregar o evangelho de Cristo, destaca-se o apóstolo Paulo, exemplo, a todo pastor, de lealdade, devoção e infatigável esforço”.¹ Vale a pena refletirmos sobre o legado de seu ministério.

Consciência do chamado

Com frequência, Paulo deixa claro que era ministro não pela vontade do homem, mas pela expressa vontade de Deus (Rm 1:1; 1Co 1:1; Gl 1:1). Não fosse a certeza do chamado, certamente ele teria desistido, diante das provas que foi levado a suportar (2Co 11:23-27). Porém, aquele chamado no caminho de Damasco mudou seu coração, sua atitude, seu propósito e seu destino. Todo homem que responde afirmativamente ao chamado de Cristo é transformado por Aquele que o chamou.

Paulo tinha certeza de que Deus não o havia chamado devido às suas muitas habilidades. Ao contrário, encarava seu ministério como um benefício da graça (Gl 1:15), um privilégio para o qual se sentia indigno (1Co 15:9), uma responsabilidade à qual se sentia preso (1Co 9:16). Olhando para si mesmo, o apóstolo se sentia frágil; mas estava certo de que o chamado se fundamentava não na forma humana, mas no poder, capacidade, inteligência e competência de Deus (1Tm 1:12-14; Ef 3:8).

Jamais se esqueceu da visão gloriosa de Cristo, chegando a dizer com firme convicção: “não fui desobediente à visão celestial” (At 26:19). É notável como a convicção do chamado exerce influência na intensidade da dedicação, na fidelidade e no compromisso pastorais. Quando contrastamos Paulo com Judas, isso fica bem evidente. Um foi chamado por Deus. O outro se atirou ao ministério desejando tirar dele alguma vantagem. O envolvimento, a paixão, a disposição ao sacrifício, a perseverança, a fidelidade, os frutos e até os sentimentos cultivados na chegada à jubilação da vida pastoral têm muito que ver com a origem divina, ou não, do chamado.

Crescimento espiritual dos conversos

“Acima de tudo, ansiava que permanecessem fiéis.” O apóstolo Paulo tinha interesse genuíno em que as pessoas as quais encaminhava a Cristo permanecessem na fé, crescessem espiritualmente e fossem santificadas. Não a santificação ascética dos monges que se isolam nos distantes mosteiros, mas a santidade prática, que brilha no testemunho diário em casa, no trabalho, na rua. Ele se empenhou nesse trabalho de conservação com ânimo não inferior ao que o motivava a evangelizar.

O crescimento na graça, o desenvolvimento dos dons, a vitória sobre o pecado e a morte do velho homem são incentivados em todas as cartas:

“A que le

que furtava não furtar mais” (Ef 4:28). “Fugi da impureza” (1Co 6:18). “Antes, sede uns para com os outros benignos...” (Ef 4:32). “Maridos, amai vossa mulher” (Ef 5:25). “Filhos, obedecei a vossos pais” (Ef 6:1); “alegrai-vos no Senhor” (Fp 3:1). “Orai sem cessar” (1Ts 5:17); “procurai com zelo os melhores dons” (1Co 12:31); “enchei-vos do Espírito” (Ef 5:18); “acima de tudo isto, porém, esteja o amor” (Cl 3:14).

A formação de uma comunidade remida, crescendo em Cristo, em um mundo ímpio, era o sonho do grande apóstolo. Por isso, dedicava o melhor de si no preparo dos crentes, a fim de estarem prontos na segunda vinda de Jesus. Como líder, ele não se eximia de seu papel como exemplo (1Co 11:1). Por outro lado, não se julgava perfeito. A exemplo de todos os demais cristãos, estava em caminhada ascendente, aproximando-se mais e mais do prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3:14).

A igreja não permanecia na ignorância quanto ao elevado ideal a ser perseguido; muito menos ficava sem conhecer a fonte de poder para alcançá-lo. O relacionamento de fé com Cristo, de plena confiança em Seu amor e graça, foi apresentado como a fórmula para que a comunidade se tornasse “gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5:27; 2Co 11:2).

Pregação aplicada à vida

Poucos dias após seu batismo, Paulo passou a pregar sobre Cristo como Filho de Deus (At 9:20). Para ele, pregar não era uma opção da qual pudesse abrir mão sem prejuízo para sua consciência diante de Deus: “ai de mim se não pregar o evangelho!”, disse em certa ocasião (1Co 9:16). E o tema de sua mensagem não era outro senão “Jesus Cristo e Este crucificado” (1Co 2:2). Seus sermões giravam em torno dos efeitos do evangelho na vida do crente, a aplicação dos méritos de Cristo à vida dos ouvintes. Por essa razão, em suas epístolas, ele apresenta submissão a Cristo como solução para as tentações, problemas no relacionamento conjugal e entre pais e filhos, pureza, relacionamento entre senhores e servos, e outros temas presentes no dia-a-dia.

Quando Paulo pregava, alguns até podiam considerar fraca sua presença física, e desprezível, sua oratória (2Co 10:10). Porém, não podiam negar a sinceridade com que falava, a coerência de sua conduta, nem duvidar de sua vontade de ver salvas todas as pessoas que o ouviam. Às vezes, chegava às lágrimas (At 20:31). Suas mensagens não planavam em um nível teológico acima da realidade dos crentes. Elas tinham remetente: Cristo Jesus; e destinatários: cada um dos ouvintes. Não eram apenas explanação teórica, mas um



convite à avaliação da vida pessoal de cada um, diante do padrão divino, e um chamado à decisão, mudança de rumo, ação. As pessoas podiam aceitar ou rejeitar, mas era impossível ficar indiferentes. De fato, poucas coisas são tão frustrantes a um pregador como falar e ninguém entender, nada sentir, nada decidir, nada mudar. A Palavra de Deus não pode voltar vazia.

Por outro lado, é decepcionante para o ouvinte ter de se submeter durante algum tempo a um discurso insípido. Vítor Hugo descreve muito bem essa decepção quando, em um de seus livros, ele conta da última visita de um padre a um condenado à guilhotina: “o padre voltou... por que será que a voz dele não tem nada que emocione ou que deixe perceber emoção? Por que será que não disse nada que tenha tocado minha inteligência ou meu coração?... Suas palavras me pareceram inúteis, fiquei indiferente; escorregaram como esta chuva fria no vidro gelado da janela... mas o que foi que esse ancião me disse? Nada sentido, nada enternecido, nada chorado, nada arrancado da alma, nada que viesse do coração dele para tocar o meu, nada que passasse dele para mim. Ao contrário, não sei o que de vago, inacentuado, aplicável a tudo e a todos... Aqui e ali, uma citação latina... Depois, parecia estar recitando uma lição cem vezes já recitada, repassar um tema obliterado na sua memória, de tão conhecido. Nem um olhar no olho, nem um acento na voz, nem um gesto nas mãos. E como poderia ser diferente?... Envelheceu levando homens para a morte...”

“Oh, que mandem buscar em vez disso um jovem vigário... e que lhe digam: há um homem que vai morrer e cabe ao senhor consolá-lo. O senhor tem que estar presente quando atarem as mãos dele, quando cortarem o cabelo dele. O senhor terá que subir com ele na charrete... sacolejar com ele nos paralelepípedos... terá que atravessar com ele a horrível multidão bebedora de sangue. Terá que beijá-lo no pé do cadafalso e ficar, até a cabeça estar aqui e o corpo lá.

“Que me o tragam então, todo palpitante, todo arrepiado da cabeça aos pés. Que me joguem nos braços dele... e ele chorará e nós choraremos, e será eloqüente e eu estarei consolado, e meu coração desaguará no dele, e ele tomará minha alma e eu tomarei o Deus dele.”

Relacionamento saudável

A excelência do ministério pastoral de Paulo também é revelada a partir de seu esforço em manter relacionamentos saudáveis com suas igrejas. Amizade era fundamental. Ele cuidava de igrejas acolhedoras que correspondiam amplamente seu carinho pastoral, e valorizava tal atitude com imensa alegria (Fp 1:3-9). Contudo, havia também igrejas problemáticas, como a de Corinto que vivia em divisões, e que pareciam não entendê-lo e mostrar certa resistência ao seu pastorado. Essa era justamente uma igreja tão açoitada pelos ataques de Satanás, tão dividida e mundana, a qual, já na primeira carta, o apóstolo repreendeu firmemente por causa da fenda, que ele temia aprofundar-se, no relacionamento. Chegou a ficar ansioso, experimentou “depressão de espírito”⁴ e, por isso, chorou.

De que maneira procurou mudar a situação? O grande e forte apóstolo não consentiu com a indiferença, nem isolou os que não o apreciavam. Não argumentou que eles deveriam amá-lo, por ser ele o apóstolo, o mensageiro que os livrara da corrupção do mundo e lhes ensinara o caminho da vida eterna. Lembrou-lhes, porém, que ele os amava de fato e que desejava alimentar um relacionamento marcado pelo amor fraternal, tendo início na Terra e continuando pela eternidade. Paulo não se contentou com nada menos que ter o coração da igreja. “Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecésseis o amor que vos consagro em grande medida” (2Co 2:4). “Acolhei-nos em vosso coração” (2Co 7:2). Essas declarações exemplificam-nos seu nobre esforço para conquistá-los.

Não sei se Paulo chorou diante da morte. Não sei se protestou diante de Deus, alguma vez, em face das prisões, dos açoites ou apedrejamentos que sofreu. Aparentemente, enfrentou todas essas coisas com resignação. O que realmente lhe parecia insuportável, que o levava às lágrimas diante de Deus e da igreja, era a possibilidade do esfriamento do afeto entre ele e seus irmãos. Um relacionamento indiferente, formal, meramente profissional, em que, como pastor, se considerasse e fosse considerado nada mais que gerente, era visto como tragédia para o apóstolo Paulo.

Não seria feliz sendo pastor e não contar com a afeição da igreja.

Evangelismo

Paulo foi modelo de missionário. Sua vida era pregar o evangelho, agindo como se tomasse sobre si a responsabilidade de evangelizar o mundo. Pregador incansável, alcançou muitas cidades, muitos países, pregou durante toda a vida e morreu como um soldado em combate, sendo envolvido com a bandeira do reino celestial.

O evangelismo era muito importante para ele, mas suas treze epístolas não foram escritas exclusivamente sobre métodos de evangelização. Ele as escreveu com o propósito de instruir as igrejas a ser organismos destinados a glorificar a Deus, em todos os aspectos incluindo a evangelização. Não caiu na armadilha de buscar crescimento numérico sem a correspondente substância espiritual. Investiu pesadamente em levar a igreja a viver sob a aprovação de Deus, avançando da conversão para o testemunho, evangelização e santificação. Com tal ênfase, as congregações cresciam de maneira rápida, saudável e equilibrada. De seus escritos enumeramos alguns princípios evangelísticos:

Exemplo. Ele dava o exemplo. “O coração do apóstolo ardia em amor aos pecadores, e ele punha todas as suas energias na obra de ganhar almas. Não existiu jamais um obreiro mais abnegado e perseverante.”⁵ Pregava em sinagogas, praças e prisões. Seu exemplo inflamava as igrejas.

Motivação. A força motivadora para o envolvimento missionário era o amor de Cristo (2Co 5:14). A pessoa verdadeiramente convertida, cheia de amor e lealdade a Cristo, automaticamente se torna missionária. Paulo conscientizava seus convertidos de que todo novo membro “representa mais um instrumento para dar a conhecer o plano de redenção”.⁶ Para ele, há uma relação de causa e efeito entre crença e evangelismo, santificação e missão, entre salvação e serviço. O desejo de testemunhar flui naturalmente de uma pessoa convertida, em cujo coração transborda o amor de Jesus.

Emprego dos dons. Cada membro do corpo de Cristo era conscientizado de ter uma função específica, um ministério a desempenhar, de acordo com a dotação recebida do Espírito Santo, para



Oração de um pastor

Senhor!

Eu não Te peço que me faças grande,

nem que o louvor dos homens soe em meus ouvidos; mas, sim, que de minha vida faças um vaso através do qual Tua mensagem possa fluir para os que choram.

Eu não peço para que os homens conheçam o meu nome, nem que as multidões se ajuntem para ouvir a minha voz; mas isto eu peço: que no seu vale de lágrimas, os homens encontrem Jesus e nEle se alegrem.

Senhor!

Toma o meu orgulho, o meu amor-próprio e livra a minha vida do pecado – eis o que apenas busco.

Então, Senhor, enche o meu coração com o poder do Espírito. Esconde o meu rosto atrás do Salvador.

Que só a Sua doce voz seja ouvida. Usa minha língua para que as palavras da vida possam ser ditas em todos os lugares.

E. E. Hulbert

o trabalho de edificar a igreja e levar pecadores a Jesus (1Co 3:28; Tt 2:14).

ênfase espiritual. O interesse primordial não se resumia a ter o maior número de pessoas na igreja, mas em ter o maior número possível de pessoas redimidas (Gl 3:28; Tt 2:14). A igreja era a comunidade dos salvos, na qual todos os que foram perdoados e lavados pelo sangue de Cristo, e experimentavam vida nova, tinham participação. A ênfase salvadora, não apenas numérica, realça a qualidade espiritual dos fiéis.

Formação de missionários. É bem conhecida a frase de acordo com a qual “sucesso sem sucessor é fracasso”. Pois bem, “Paulo tornou parte de sua obra o educar moços para o ministério evangelístico”.⁷ Ele procurava fazer discípulos, formando sucessivas gerações missionárias.

Conservação

Embora não se saiba, com exatidão, o tempo que Paulo permaneceu em cada igreja, a Bíblia registra alguns períodos. Um ano em Antioquia (At 11:25, 26); muito tempo em Icônio (At 14:3); um ano e seis meses em Corinto (At 18:11); três anos em Éfeso (At 20:31). Apesar das perseguições sofridas e dos riscos que corria, permanecia tempo suficiente, em cada igreja, para que a mensagem criasse raízes profundas e ali fosse estabelecida liderança forte.

Certa vez, o apóstolo afirmou: “Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas” (2Co 11:28). Essa preocupação lhe causava certo sofrimento; mas, “sofrimentos de um amor sem egoísmo. Ele levava sobre si uma carga constante de ansiedade acerca do bem-estar espiritual das igrejas por ele fundadas”.⁸ Parece que não tinha descanso; pois, enquanto trabalhava dia e noite para não ser pesado a ninguém (2Ts 2:9), também não cessava “noite e dia de admoestar com lágrimas a cada um” (At 20:31).


Paulo se interessava, sinceramente, pela comunidade de fiéis nascida de sua pregação. Enquanto estivesse em determinada cidade, buscava conhecer os irmãos pelo nome, pregava na sinagoga (At 18:4), visitava de casa em casa (At 20:20), interagiu com todos (Rm 15:32), ministrava a ceia (1Co 11:23-26), batizava (At 18:8), escrevia para outras congregações, outros líderes, pessoas em crise, procurando atender a necessidade de cada um. Carregava o

peso de muitos, e ainda trabalhava para o sustento próprio (At 18:3). Não sabemos como Paulo cuidava de um distrito com dimensões continentais. Porém, sabemos que suas igrejas não se sentiam sem pastor. Caso não se encontrasse pessoalmente em alguma congregação, sempre havia uma carta pastoral a ser lida e os membros sabiam que, em algum lugar, seu pastor se lembrava deles e orava em seu favor (Fp 1:4).

Dever cumprido

Se estamos acostumados a pensar em Paulo apenas como evangelista itinerante, não nos esqueçamos de que ele também foi um pastor cuidadoso. Na verdade foi um pastor exemplar, apesar de trabalhar em um campo tão extenso, suportando inúmeras dificuldades, enfrentando cruel oposição. Em suas cartas pastorais, nós o encontramos aconselhando, ensinando, orientando a resolução de conflitos, visitando, orando em favor das pessoas, admoestando, corrigindo, chorando; enfim, envolvido de corpo e alma em atividades pastorais.

Indubitavelmente, sua fonte de poder e forças para cumprir tarefas tão gigantescas residia em Cristo Jesus. Assim, ao visualizar o momento em que depararia a vida, pôde afirmar com a segurança de quem cumpriu a missão que lhe foi confiada: “Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a Sua vinda.” 2Tm 4:6-8.

Paulo terá muitos amigos no Céu: pessoas a quem conheceu e atraiu como evangelista e amou como pastor. Pessoas a quem ele revelou Jesus e a quem ajudou a crescer espiritualmente. Esse é o exemplo de pastorado que devemos seguir. 

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 58.
- ² _____, *Atos dos Apóstolos*, p. 206.
- ³ Vítor Hugo, *O Último Dia de um Condenado à Morte* (Newton Compton Brasil Ltda, 1995), p. 76-79.
- ⁴ Ellen G. White, *Paulo o Apóstolo da Fé e da Coragem* (Campinas, SP: Certeza Editorial, 2004), p. 170 e 171.
- ⁵ _____, *Obreiros Evangélicos*, p. 59.
- ⁶ _____, *Atos dos Apóstolos*, p. 207.
- ⁷ _____, *Obreiros Evangélicos*, p. 102.
- ⁸ R. N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* (Editora Candeia), v. 4, p. 408.

Tentação babilônica



Reinder Bruinsma

Presidente da União
Holandesa da IASD

*Muitos
indivíduos têm
obsessão por
status, posses
materiais,
imagem,
grandeza
pessoal. Estão
convencidos
da própria
importância.
Estamos nós
entre esses?*

Alguém poderia dizer que uma reflexão sobre a mentalidade de Babilônia dificilmente caberia como artigo em uma revista dirigida a pastores. Afinal, os mensageiros escolhidos por Deus, futuros habitantes de Sião, cidadãos do reino celestial empenhados em preparar homens e mulheres para esse reino, e que lêem esta publicação, não pertencem à Babilônia. Desse modo, supostamente, não necessitariam ser alcançados pela mensagem deste artigo.

Todos nós queremos manter segura distância de Babilônia. E queremos estender àqueles que dela participam o chamado divino: “Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos” (Ap 18:4). Babilônia representa más notícias. Sua filosofia e seu estilo de vida são ímpios e contagiosos. Nós, os que já nos retiramos dela, precisamos ficar sempre atentos a fim de permanecermos longe dela, e não sucumbir à tentação de ter um pé dentro de seus limites e o outro em Jerusalém. Por essa razão, creio que o relato da torre de Babel (Gn 11:1-9) é absolutamente relevante.

De fato, essa bem conhecida e bem construída narrativa foi inserida entre as histórias de Noé e Abraão, e um tanto deslocadamente entre as genealogias de Noé (Gn 10) e de Sem até Abraão (Gn 11). Ela nos fala como, depois do dilúvio, os descendentes de Noé moveram-se na direção leste, para a planície de Sinear. Eles se estabeleceram nas terras férteis da Mesopotâmia, onde rapidamente aprenderam a manejar todas as tecnologias de então. Eventualmente, sentiram a confiança de que poderiam construir “uma cidade e uma torre cujo tope [alcançasse os] céus” (Gn 11:4).

Esse verso também nos informa sucintamente o duplo motivo para esse ambicioso empreendimento: o povo queria tornar célebre seu próprio nome, e também queria estar seguro de que não seria disperso pela Terra. Deus expressou Sua desaprovação em termos indubitáveis, pois “desceu o Senhor para ver a cidade” (Gn 11:5), colocou ponto final na desastrosa iniciativa, confundindo a linguagem daquela gente. A situação tornou-se caótica e a dispersão que o povo queria evitar foi o inescapável resultado.

A raiz do problema

Os adventistas do sétimo dia sabem que o termo *Babilônia* desponta como o símbolo fundamental dos poderes que se opõem a Deus e a Seu povo. Se quisermos saber o que constitui a própria essência dessa oposição, encontramos a resposta justamente em Gênesis 11. Babilônia é um substantivo coletivo para todo o que deseja fazer as coisas sem Deus, que não está disposto a tributar honra ao nome de Deus, mas deseja fazer nome para si mesmo. É um símbolo inequívoco daqueles que, envenenados por sua diabólica arrogância, não conhecem seu lugar e desejam alcançar o Céu à sua maneira. A expressão se aplica, como bem sabemos, em particular à coalizão dos poderes religiosos no tempo do fim, que tentará destruir o povo remanescente de Deus.

Esse perfil de Babilônia encontra sua confirmação em outra história de cidade erguida muitos séculos depois da construção da torre de Babel. O rei Nabucodonosor, famoso governante do Império Babilônico, manifestou exatamente o mesmo espíri-

to. Certo dia, enquanto ele caminhava no terraço do palácio real, observava os magníficos edifícios ao seu redor e exclamou: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei... com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?” (Dn 4:30). Não é de admirar que o profeta Isaías tenha se referido ao rei de Babilônia como um símbolo de Satanás, a primeira e última incorporação de arrogância (Is 14:13, 14).

Caracterizada pela presunção e suntuosidade, Babilônia adotou a desavergonhada usurpação da honra exclusiva de Deus. Uma segunda característica, entretanto, torna-se clara em Gênesis 11: Babilônia também revela possuir mentalidade autoprotetora. Sua crença de que haveria segurança em números e em permanecer com a multidão, junto com seu temor de que fosse dispersa perdendo, desse modo, influência, poder e controle, fomentou entre os pós-diluvianos o desejo de construir aquela fortaleza babilônica como monumento a si.

A relação conosco

O episódio da construção da torre de Babel tem, a meu ver, uma poderosa mensagem para nós em dois níveis: para a Igreja Adventista do Sétimo Dia e para os pastores, em particular. De que maneira essa história se relaciona conosco, corporativamente, como igreja? Primeiramente, voltemos um pouco e reflitamos sobre a história do

movimento adventista. Nossa igreja teve origem na esteira do movimento milerita. Em seus primórdios, encontramos um pequeno grupo composto de líderes de mentalidade predominantemente rural, sem escolaridade, jovens e inexperientes. Eles foram ridicularizados depois do desapontamento de 1844 e tratados como párias no cenário religioso norte-americano.

Aquele movimento, primeiramente, cresceu paulatinamente. Seus adeptos eram apenas 3.500, em 1863, quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia foi organizada oficialmente. Em 1900, o número de membros era aproximadamente 75 mil. Os adventistas logo passaram a ser considerados uma estranha seita subcristã e, honestamente, é preciso acrescentar que, embora nos tenhamos tornado um movimento mundial significativo, ainda somos considerados seita em alguns poucos círculos religiosos no mundo.

A igreja tem canalizado grande quantidade de recursos, no esforço de construir sua imagem pública. Queremos convencer o mundo de que somos o que realmente somos: uma igreja cristã. Fazemos tudo o que nos é possível para dizer ao mundo que nos rodeia que não somos tão pequenos como muitos tendem a pensar. Convidamos todos a olharem o que estamos realizando.

Sim, desejamos ser reconhecidos como um corpo religioso de prestígio e em crescimento. Apontamos para nosso relatório estatístico anual como inegável prova de nosso equilibrado crescimento e extensão ao redor do planeta, e a nossos milhares de instituições em mais de duzentos países. Proclamamos que a Igreja Adventista possui, atualmente, cerca de 15 milhões de membros e projetamos que por volta de 2020 nosso número de membros possa exceder 40 ou 50 milhões. Muitos países hoje nos tratam com respeito. Temos nos tornado

amplamente reconhecidos como tendo uma sólida organização e forte ministério educacional. Possuímos crescente número de universidades, e nossa Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra, é cada vez mais respeitada como um organismo global de evangelismo humanitário.

Contudo, poderia se dar o caso de estarmos investindo esforço excessivo nesse desejo de reconhecimento? Enquanto crescemos e nos desenvolvemos, honrar o nome de Deus permanece como único propósito de nossa existência como igreja? Ou também tentamos fazer um nome para nós mesmos? Poderia ser que, agindo assim, estejamos seguindo nossa própria estratégia humana em lugar de seguir a agenda divina?

Essas questões são aplicáveis em todos os níveis: global, nacional e local. Sempre, e em todo o lugar, existe o perigo de que focalizemos tanto a igreja como instituição, seu crescimento, desenvolvimento organizacional, finanças e imagem positiva, que nos esqueçamos sua real missão: pregar e refletir a Cristo. Poderíamos dizer que a igreja exibe uma perigosa característica babilônica, caso ela, primeiramente, se veja como uma instituição, uma corporação que luta para mostrar-se tão positivamente quanto lhe seja possível no imenso supermercado religioso dos nossos dias, em vez de apresentar-se como um lugar de nutrição e crescimento espirituais.

Essa observação está ligada a um segundo aspecto: a mentalidade exclusivista de Babilônia. Deveríamos nos fazer, continuamente, estas perguntas: É nossa igreja aberta, relevante e atrativa para outras pessoas? Está ela interessada no que acontece no mundo? Causa impacto no mundo? Ou preferimos uma igreja que se manifesta como um bastião, uma fortaleza, em que nos sentimos seguros e acomodados, vivendo em nosso pequeno mundo, desfrutando nossa subcultura



particular? Somos nós mais felizes, quando nos encontramos a uma distância considerável do mundo e não temos que nos misturar e interagir com pessoas alheias à nossa fé? Sentimo-nos mais à vontade quando conversamos apenas entre nós, em nosso próprio jargão, focalizados em nossos problemas particularmente denominacionais?

Se tal é a situação, temos criado uma pequena Babilônia e devemos esperar que Deus “desça” e direcione para nós um olhar crítico. Sim, devemos esperar mesmo que Ele nos abale e, possivelmente, até que nos disperse de nossos guetos adventistas, forçando-nos a deixar a mentalidade exclusivista de Babilônia.

Infelizmente, existem adventistas que desejam ficar o mais distante possível do mundo. Pesquisas indicam que muitos adventistas antigos têm poucos amigos fora da igreja. São necessários, em média, sete ou oito anos para que os novos membros percam a maioria de seus amigos não adventistas. No entanto, Cristo foi claro: embora não sejamos do mundo, estamos no mundo. A igreja deve ter suas janelas abertas para o mundo exterior. Ela não pode ser reduzida a um exclusivo e seguro ambiente familiar para seus membros.

Os filhos de Deus não devem viver em um gueto espiritual, mas devem se espalhar, se aventurar, e aceitar os riscos que isso envolve. Sua missão não é encolher-se diante do mundo e afastar-se dele, mas alegremente aceitar e abraçar as coisas positivas que o mundo tem a oferecer, como porta aberta para o evangelho de Cristo. Talvez mais importante ainda, com o objetivo de cumprir sua missão, a igreja deve conhecer a linguagem do mundo e estar atenta para o que está acontecendo nele. Ela deve saber onde e porque as pessoas estão sofrendo, e aprender como se relacionar com pessoas reais em um mundo real.

A direção do nosso foco

Mas, o que dizer sobre nós, como crentes individuais, ou, especifi-

camente, como pastores adventistas? Somos leais cidadãos do reino celestial, ou continuamos mantendo ligações com Babilônia? Estamos plenamente comprometidos e direcionados em honrar o nome de Deus, e centralizados na grandiosa promessa de que brevemente ostentaremos um novo nome, dado por Deus? Ou, às vezes, ainda nos fixamos no modo de pensar e no intento babilônicos de fazer um nome para nós mesmos?

A tentação de fazer nome para nós mesmos nunca termina. E eu posso lhe dizer que estou muito consciente disso. Por que trabalho para a igreja? Por que viajo, prego, escrevo, trabalho durante longas horas e assisto a intermináveis reuniões? Poderia ser o caso de que, muito íntima e secretamente, eu esteja querendo fazer nome para mim mesmo? Essa questão é relevante para todos nós os que trabalhamos para a igreja, quer sejamos servidores de tempo integral, voluntários, como anciãos e diáconos, ou desempenhemos qualquer outro ministério local.


Quais são nossos mais profundos objetivos, nossos motivos e ambições mais íntimos? Estamos empenhados em ser obedientes à nossa vocação, ou trabalhamos para ser importantes? Lutamos para ser influentes ou para ser bênção para outros? É nossa ambição liderar para estar na ribalta, ou estamos desejosos de servir?

Na cultura narcisista de nossos dias, as pessoas tendem a focalizar sobre si mesmas. As palavras-chaves parecem ser autocrescimento, autovalorização e assertividade. Somos desafiados a explorar nossas habilidades e empregá-las em benefício próprio. Devemos nos sentir bem com nós mesmos. Se trabalharmos arduamente, podemos fazer quase todas as coisas. Assim nos é dito pela mídia.

Muitos estão obsedados com seu trabalho, seu *status*, suas posses materiais e engenhosidade. São totalmente conven-

cidos de sua importância pessoal. Para muitas pessoas, não há limites para o que possa ser sacrificado no altar do sucesso. Ao mesmo tempo, muitos não querem investir tempo, energia e emoções em relacionamentos longos e profundos. Buscam o anonimato das massas, em vez de alimentar sincero interesse nas pessoas e buscá-las onde se encontram. Sentem-se mais confortáveis em seu casulo do que no desenvolvimento de verdadeiro companheirismo.

A história da torre de Babel nos fala que Deus desaprova esse difundido desejo de fazer nome para nós mesmos, bem como a tendência de nos enclausurarmos em nossa fortaleza privativa. Deus deseja que rejeitemos essa abordagem babilônica da vida. Ele quer que desenvolvamos a compreensão de que o mais profundo significado de nossa vida não inclui como podemos construir nosso próprio brilho, mas como Ele pode brilhar através de nós.

Fazer nome para nós mesmos e recusar dispersar-nos, impedindo a difusão do nosso testemunho na comunidade mais ampla, são atitudes que podem ser identificadas como características babilônicas, que devem ser rejeitadas pelos cidadãos do reino celestial. Como igreja e como indivíduos, pertencemos a Sião. Pertencemos àquele novo mundo de Deus, no qual unicamente Seu nome é louvado e honrado acima de todo nome. 



A bênção da adversidade



Donilde A. Chagas

Coordenadora da Afam
na Associação Amazônia
Occidental

*Se colocarmos a
vida nas mãos
de Deus, Ele
transformará
nossos temores,
dívidas,
tristezas e
aparentes
fracassos em
alegrias e
vitórias*

No trabalho pastoral, estamos expostos a experiências ou situações as quais, não raro, somos tentados a considerar falta do devido reconhecimento ao nosso trabalho, ou “castigo injusto” que nos é imposto. Algumas vezes, é a mudança de uma função que a vaidade tende a avaliar como “superior” para uma “inferior”. Noutras vezes, pode ser a indicação para que sejamos transferidos da grandeza e sofisticação de uma metrópole, para o atraso, as limitações e carências de uma longínqua, anônima e quase inacessível cidade no interior.

Caso você esteja vivenciando atualmente tal experiência, sugiro que concentre seus pensamentos no privilégio que é ser “testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada”, pastoreando “o rebanho de Deus, ... não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade” (1Pd 5:1, 2).

Presença útil

Lembre-se de que, para qualquer lugar aonde você for enviado, ali haverá pessoas que foram compradas pelo precioso sangue do Cordeiro de Deus. Essas pessoas precisam ser amadas, cuidadas, nutridas espiritualmente através da pregação e pela visitação pastoral, aconselhadas, instruídas e orientadas nas diversas áreas da vida. São crianças, adolescentes, jovens e adultos que necessitam de um guia espiritual, independentemente de serem pessoas abastadas ou pobres, intelectualizadas ou simples. O fato de serem compradas pelo sangue de Cristo as torna especiais e dignas da melhor atenção. Se isso não bastasse, lembre-se de que também dedicam talentos pessoais em favor da missão, e recursos materiais para o sustento da causa e do ministério, apesar de que, se sua motivação estiver fundamentada nesse último aspecto, ela não é saudável nem será frutífera.

Ainda é preciso lembrar que, além dessas pessoas, existem muitas outras que necessitam ser alcançadas pelo conhecimento de Deus e da salvação que Ele oferece através do trabalho desenvolvido por você, e precisam ser atraídas ao Senhor pela singularidade do estilo de vida de sua família. Nesse caso, ainda que o homem imagine que não precisa do lugar, o lugar precisa do homem. Nada existe que produza maior sentimento de realização pessoal do que nos permitirmos “florescer onde estamos plantados”. Portanto, deixe que a fragrância do seu amor invada e inebrie a vida das pessoas que o cercam, em qualquer lugar aonde vá.

Perspectivas vertical e horizontal

Um empecilho à contemplação da plenitude dessa visão, por parte do pastor, é a exagerada preocupação consigo mesmo. Então, ele se pergunta: “Como sou visto pela administração, por meus superiores?” “Que pensarão os colegas a meu respeito?” “Como avaliarão meu potencial de trabalho?” “Como poderei desenvolver minha capacidade de pregar e administrar igrejas, em um lugar tão limitado?” Do ponto de vista

meramente humano, tudo isso pode ser considerado normal; afinal, você é um ser humano com suas peculiaridades, características, expectativas, projetos de vida, complexos, personalidade única. Porém, se essas perguntas são suas maiores fontes de angústia, diante de uma transferência “indesejada”, isso indica que sua perspectiva de vida está limitada ao nível puramente horizontal.

Entretanto, você, como alguém separado para realizar uma obra mais elevada, precisa desenvolver uma perspectiva vertical. De início, é importante lembrar que a transformação preconizada em suas mensagens para outras pessoas deve acontecer, primeiramente, em você mesmo. Seguramente, não inspirará em outras pessoas um estilo de vida altruísta, desprendido, disposto a doar-se, se você mesmo não viver tal experiência. Existe um ditado popular que diz o seguinte: “o mundo tem a cor dos óculos que você usa”. Há muita verdade nisso. Especialmente, quando incorporamos em nossa vida a perspectiva vertical, que leva cada um de nós a se perguntar, antes e acima de tudo: “Como Deus me vê?”

Os homens, em sua boa vontade administrativa, pensando em fazer seu melhor para a causa de Deus, até podem cometer enganos em suas decisões a nosso respeito. Mas, o Senhor está acima de tudo; está no controle das conseqüências. Na verdade, Ele tem o absoluto controle de tudo em nossa vida, quando a depositamos em Suas mãos. Pode transformar nosso temor em coragem, nossa dúvida em certeza, nossa tristeza em alegria, nosso pranto em riso, nosso fracasso em sucesso, a derrota em triunfo. As injustiças, reais ou supostas, se tornarão em bênçãos para nós. Lembre-se: “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor” (Pv 16:1).

Não importa qual seja o motivo da mudança de função ou lugar de trabalho, quando minha preocupação é: “Como Deus me vê?” Independentemente dos motivos humanos, Deus pode fazer com que o período seguinte à mudança seja o mais fecundo, abençoado e feliz de seu ministério, em grau imensamente superior ao que você imaginava que pudesse acontecer em um lugar “mais expressivo”, do qual se julga merecedor. O seguinte trecho de um cântico evangélico nos faz pensar: “Deus só leva para o deserto quando quer exaltar nos mon-

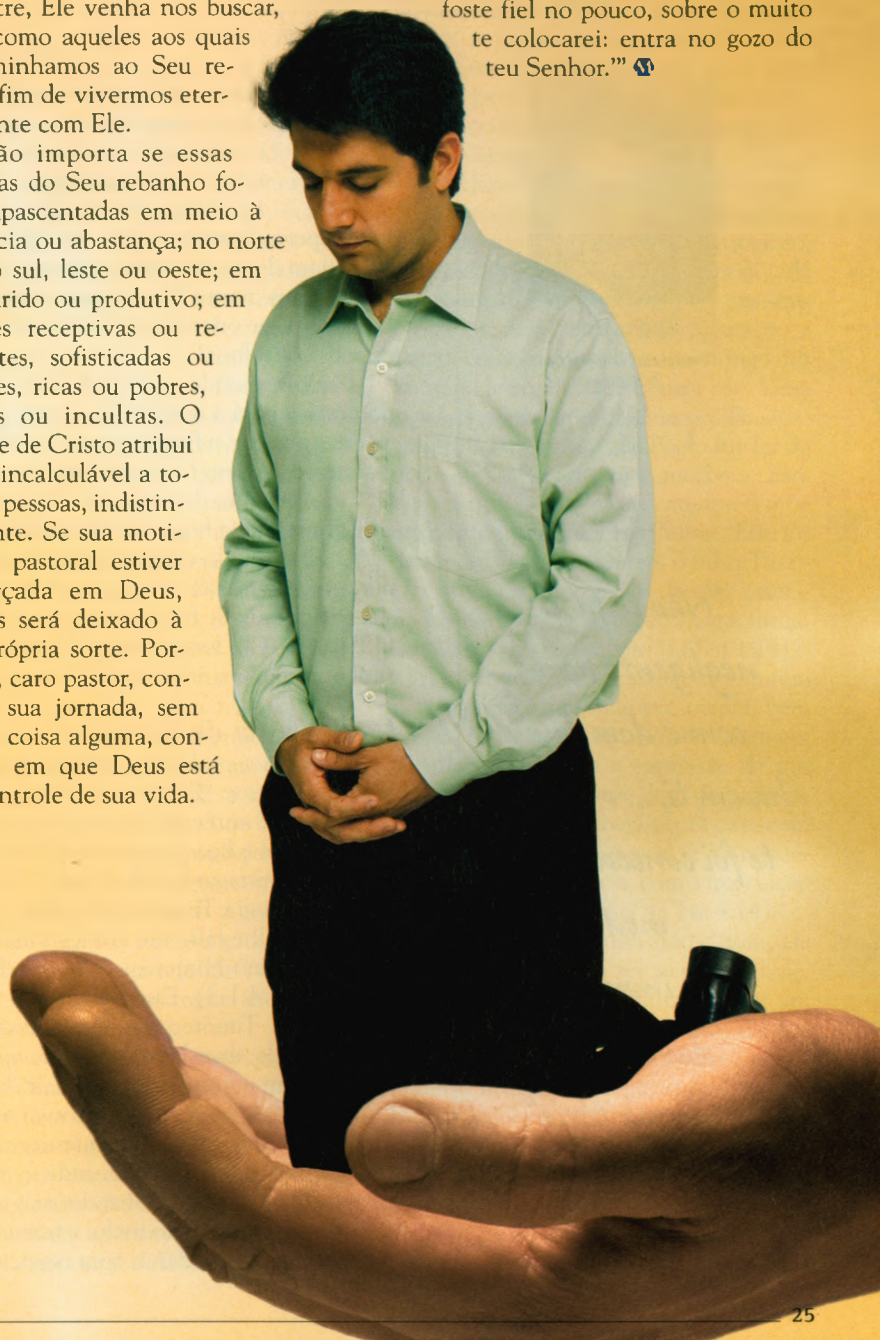
tes; prova a tua condição de servo e faz um vencedor”. É infinitamente melhor esperar no Senhor, pois “Deus não vê como vê o homem”.

Cicatrizes e recompensa

Deus nos convida a fim de cultivarmos a perspectiva vertical não apenas no trabalho pastoral, mas em toda e qualquer circunstância de nossa existência. Com essa visão, nossa vida será como um cântico que honrará o autor e consumidor de nossa fé. Então, o caráter de Cristo será modelado em nós, como indivíduos ou como famílias pastorais, até que, finalmente, passadas as desafiadoras experiências da vida terrestre, Ele venha nos buscar, bem como aqueles aos quais encaminhamos ao Seu redil, a fim de vivermos eternamente com Ele.

Não importa se essas ovelhas do Seu rebanho foram apascentadas em meio à carência ou abundância; no norte ou no sul, leste ou oeste; em solo árido ou produtivo; em regiões receptivas ou resistentes, sofisticadas ou simples, ricas ou pobres, cultas ou incultas. O sangue de Cristo atribui valor incalculável a todas as pessoas, indistintamente. Se sua motivação pastoral estiver alicerçada em Deus, jamais será deixado à sua própria sorte. Portanto, caro pastor, continue sua jornada, sem temer coisa alguma, confiante em que Deus está no controle de sua vida.

A declaração de boas-vindas ao pastor, no momento de sua ordenação, é muito oportuna aqui. Ela se encontra no livro *Guia Para Ministros*, à página 90. Convém tê-la sempre em mente: “Como soldado de Cristo, não estará livre de ferimentos e cicatrizes. Nenhum de nós consegue livrar-se deles. No entanto, quando afinal estivermos em pé, vitoriosos, sobre o mar de vidro, com aqueles pelos quais labutamos, a palma da mão marcada de nosso Comandante pousará suavemente sobre essas cicatrizes. Para nós, os nossos ferimentos parecerão insignificantes em comparação com os dEle, ao ouvirmos Cristo declarar: ‘Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: entra no gozo do teu Senhor.’”



Conselho oportuno



Cedric Vine

Pastor em Nottingham,
Inglaterra

“Não te faças negligente para com o dom que há em ti, ... o qual te foi concedido... mediante imposição das mãos do presbitério”

Timóteo estava pensando em desistir. Sentia-se desanimado. Sua igreja estava implodindo, enquanto certos indivíduos apresentavam-se como eruditos na lei, desafiando seu ministério e sua autoridade. Paulo, entretanto, não respondeu removendo-o de lugar; ao contrário, insistiu que ali permanecesse: “Quando eu estava de viagem, rumo da Macedônia, te roguei permanecesses ainda em Éfeso” (1Tm 1:3). Aparentemente, Paulo e Timóteo já haviam dialogado sobre o assunto anteriormente.

Estamos diante de um pastor desanimado, necessitando ouvir palavras de encorajamento. Que orientações Paulo transmitiu a Timóteo, e que lições podemos aprender de seus conselhos?

Paulo respondeu ao dilema de Timóteo, instruindo-o a implementar um código doméstico para a igreja: “... te roguei permanecesses ainda em Éfeso para admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina, nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que, antes, promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé. Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia” (1Tm 1:3-5).

O objetivo do código de Paulo era a produção de “amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia”. O apóstolo começa confessando sua antiga falta de fé e a graciosa resposta do Senhor no derramamento da fé e do amor (1Tm 1:12-17). Isso garantiu a Timóteo que qualquer deficiência que ele pudesse experimentar não era única, e poderia ser superada através da intervenção de seu Senhor.

O problema de Timóteo

Qual era o problema enfrentado por Timóteo? Nós o encontramos implícito nos seguintes versos: “Este é o dever de que te encarrego, ó filho Timóteo, segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: combate, firmado nelas, o bom combate, mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé” (1Tm 1:18, 19).

Paulo elogia Timóteo por causa de sua fé e boa consciência, mas deixa implícito que, talvez, lhe falte um coração imaculado. O apóstolo continua afirmando que outros, tais como Himeneu e Alexandre, tinham problemas com a fé e a consciência (1Tm 1:19; 4:1-3). Esses calaram a própria consciência e, como resultado, abandonaram a fé. Timóteo não tinha esse problema. Seu desejo de deixar Éfeso não era resultante de abandono da fé. Ele apenas queria sair de Éfeso, não abandonando seu Senhor nem o ministério, mas sair daquela igreja.

O apóstolo Paulo não incentiva a abertura pública do coração de Timóteo, mas lhe permite a oportunidade de questionar privadamente o estado desse coração. Significa isso que não havia qualquer indício de solução pertinente ao estado do coração de Timóteo e sua vontade de abandonar o trabalho em Éfeso? Para Paulo, a chave para ser um soldado cristão de êxito inclui a manutenção do desejo de satisfazer o oficial que o recrutou, em vez de enredar-se com negócios alheios à sua missão principal (2Tm 2:3, 4).



Em 1Timóteo 6:6-12, Paulo descreve o engodo das riquezas e os destrutivos efeitos do amor ao dinheiro, exercidos no senso de contentamento de um indivíduo. E conclui com um apelo, no singular, a Timóteo: “foge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão” (v. 11). Na segunda carta a Timóteo, Paulo o instrui no sentido de fugir “das paixões da mocidade” e repelir “questões insensatas”, encorajando-o a perseguir as qualidades de um “coração puro” – “a justiça, a fé, o amor e a paz” (2Tm 2:22, 23).

A questão autoridade

Entretanto, Paulo não é direto com Timóteo. Toda família opera de acordo com um código que define o papel e o *status* de cada um dos seus membros, quer ele seja esposo, esposa, filho, pai, mãe ou servo.¹ O líder da casa estabelece as regras. E Paulo estabeleceu o código familiar para a igreja de Éfeso em sua primeira epístola a Timóteo. Ao assim fazer, ele afirmou sua liderança na igreja (1Tm 1:5, 18). O apóstolo era o líder daquela família cristã, e Timóteo, o mordomo. Para que recebesse sua coroa, ele tinha de competir segundo o código de Paulo.

Quais foram as regras que Paulo estabeleceu para a igreja efésia? Nós encontramos dois blocos de instruções que Timóteo devia implementar (1Tm 2:1-3:13; 5:1-6:2). Em 1 Timóteo 2:1-8, Paulo instrui para que os homens orem com as mãos levantadas, “em todo lugar”. Numa situação em que homens estavam envolvidos em disputas des-

necessárias, tal prática, se fosse implementada fielmente, proveria uma rota espiritual fora do conflito. Fica mais difícil ferir o irmão, se nossas mãos estiverem levantadas em direção a Deus.

As mulheres da igreja foram instruídas a respeito da modéstia no vestir-se, e foram proibidas de falar em caso de ensino (1Tm 2:9-15). Tal injunção deve ser interpretada dentro do contexto vivido por Timóteo. Ele não enfrentava um conjunto coe-

rente de pensamentos, mas tagarelices insignificantes que não requeriam desenvolvimento de uma réplica teológica bem fundamentada (1Tm 1:4, 6, 7; 4:1-3, 7; 5:13; 6:3-5). A resposta de Paulo às mulheres que, na igreja, vagueavam desocupadas foi proibi-las de ensinar ou exercer autoridade.² Na verdade, ele deu um passo além e ordenou-lhes o silêncio.

Em 1 Timóteo 3:1-13, Paulo estabelece critérios para anciãos e diáconos. O proficiente estabelecimento de regras dentro das famílias em geral é tomada como fator indicativo de sua boa vontade em ajudar Timóteo na implementação dos critérios do apóstolo na família local de Deus (1Tm 3:5, 12, 14, 15). Instruções posteriores incluem o tratamento a ser dispensado a viúvas e idosos, bem como a forma de relacionamento entre escravos e senhores (1Tm 5:1-6:2).

As normas são claramente talhadas para a situação local. Devemos notar o efeito que a receptividade a tais regras exerceu sobre o ministério de Timóteo. Elas lhe deram a oportunidade para reajustar a agenda da igreja com a dele mesmo, restabelecida sob a autoridade de Paulo. Para ele, rejeitar a implementação das regras era rejeitar Paulo. Em situações de crise, as regras são o melhor aliado do pastor.

O conselho de Paulo para que Timóteo trabalhasse de acordo com as regras levanta duas questões: A primeira é a questão da supremacia. Naquela situação, em que Timóteo queria deixar Éfeso, a reivindicação de Paulo pela supremacia pode ter sido oportuno alívio. Para Timóteo, a responsabilidade final por Éfeso

e seus problemas não era dele. Mas, o que dizer, se as coisas fossem favoráveis?

Questão de regras

A segunda questão é a das regras. Em uma época de tantas demonstrações de auto-suficiência e desconstrução das fontes de autoridade, tenho começado a reescrever as regras em meu favor? Não é próprio da nossa natureza seguir regras de outros. Por duas vezes, Paulo instou a Timóteo, “perante Deus, e Cristo Jesus, e os anjos eleitos”, no sentido de que guardasse os conselhos, conservando-os com imparcialidade (1Tm 5:21; 6:13, 14). Também lhe chamou a atenção para o fato de que “o lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos” (2Tm 2:6). Essa advertência traz à tona duas interrogações: O que o estava impedindo de trabalhar? Qual era o trabalho que devia ser feito?

O clamor que Paulo fez por renovados esforços pressupõe que Timóteo tinha desacelerado sua produção. Entretanto, podemos lhe dar o benefício da dúvida e assumir que o problema não era simplesmente indolência. Sua dedicação a Paulo, como companheiro, ao longo dos anos, pode argumentar contra isso. Uma possível pista do problema de Timóteo reside na lembrança que Paulo lhe fez do dom que anteriormente recebera. Esse dom lhe foi outorgado no mesmo tempo em que as profecias foram feitas: “Este é o dever de que te encarrego, ó filho Timóteo, segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: combate, firmado nelas, o bom combate” (1Tm 1:18).

Neste ponto da epístola, a natureza dessas profecias permanece oculta, bem como a fonte delas. Posteriormente, contudo, Paulo liga a expressão de tais profecias à recepção do dom da parte de Deus: “Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério” (1Tm 4:14).³

Qualquer que tenha sido o dom, ele estava em perigo de ser negligenciado. Em 2Timóteo 1:6-9, Paula avança um passo além de seu comentário, identificando suas próprias mãos como sendo aquelas através de cuja imposição Timóteo recebera o dom.

Devemos notar a íntima associação entre a recepção do dom e sua transmissão através de agentes humanos como Paulo e os anciãos. A carne e o sangue da igreja são o aparato através do qual os

dons são conferidos, qualquer tentativa de contornar tais agentes resultará em reivindicação de autoridade espiritual feita pelo indivíduo, com base em sua percepção de relacionamento com Deus. Evidentemente, Deus trabalha no aspecto individual, mas não passa por alto o coletivo. A dificuldade que esse equilíbrio causou à igreja primitiva é atestada pelos estritos regulamentos encontrados na *Didaquê*, antigo documento cristão, para determinar a diferença entre verdadeiros e falsos apóstolos e profetas.⁴

Timóteo claramente necessitava do senso de que tinha um dom especial e, como resultado disso, sofreu uma crise de confiança. Ele se envergonhou do evangelho e, assim, negligenciou seu trabalho. A resposta de Paulo foi que ele desconsiderasse qualquer sentimento que pudesse ter alimentado e afirmasse o dom que possuía, o qual foi recebido através do próprio apóstolo. Desse modo, foi-lhe também reafirmada a confiança que a igreja lhe tributava, apesar das dificuldades experimentadas. Por que Timóteo negligenciaria seu dom? A resposta pode ser encontrada na necessidade de Paulo lembrá-lo anteriormente que ele era um soldado correndo perigo de ser distraído pelos negócios terrestres.

Qual foi o trabalho para o qual Timóteo foi chamado? Na resposta a essa pergunta, dois estágios do ministério profético sugerido por G. K. Beale se

mostram bastante úteis. O primeiro envolve o ato de os profetas entregarem sua mensagem “de modo racional e homilético, exortando a audiência quanto a seus pecados e lembrando-lhe sua história passada”.⁵ Os profetas usam diferentes formas de advertência, quando a audiência resiste à abordagem. Eles chegam a usar “simbolismos e parábolas” para prender a atenção da audiência.⁶ Em lugar de pregar a Palavra, simbolizam-na.


Jeová lançou mão desse método no trato com Israel, quando pediu que Isaías simbolizasse o resultado da confiança israelita no Egito e na Etiópia, caminhando nu e descalço por três anos (Is 20:1-6). Ou no trato com Judá, quando pediu a Jeremias para estragar um cinto novo como símbolo de como Ele pode arruinar o orgulho (Jr 13:1-11). Ezequiel foi chamado a simbolizar o futuro de Judá, deitando-se sobre seu lado esquerdo durante 390 dias, seguidos por 40 dias proféticos sobre o lado direito (Ez 4:1-8).

Em qual estágio Timóteo se encontra nesse processo? Ele já alcançou o primeiro estágio, segundo é refletido nas repetidas admoestações de Paulo para que ele ensine e pregue a Palavra. Paulo chama a atenção de Timóteo para seu ensino, a fim de que se torne “apto para instruir, ... disciplinando com mansidão os que se opõem” (2Tm 2:24, 25), e continue no que ele aprendeu do apóstolo, pregando, independente-

mente das conseqüências (1Tm 4:16; 2Tm 2:24, 25; 3:10-14; 4:1-3). Timóteo devia apresentar-se a Deus “aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2:15). Ou seja, Paulo o chama de volta ao que é básico: um ministério de ensino e pregação.

Coração puro

Calçando os sapatos de Timóteo, eu me pergunto: Como estou eu fazendo o trabalho mais básico do ministério pastoral, ou seja, o de ensinar e pregar? Acaso, tenho-me permitido distrair por outras atividades dignas? Quando eu ensino e prego, faço isso com a confiança oriunda do fato de que sou dotado por Deus, com dons que foram reconhecidos e afirmados por Seus agentes humanos? Ao responder a essa indagação, necessito considerar a base de meu despertamento para esses dons. Se isso é uma percepção individualizada, repousando apenas nos pensamentos e sentimentos pessoais, corro o risco de me tornar “primeiro, acusador dos meus irmãos; então, acusador de Deus e, finalmente, o desesperado acusador de mim mesmo”.⁷

Sem dúvida, Timóteo, independentemente de seu chamado, tinha algumas questões com as quais precisava tratar. Todos nós, como pastores, independentemente do nosso chamado, também as temos. Vamos, pois, tomar todas as lições possíveis de Paulo e aplicá-las à nossa própria experiência, onde forem necessárias. Vamos aprender dessas lições e crescer em nosso pastorado, lembrando sempre de fazer tudo com “amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia”. 

Referências:

- ¹ P. H. Towner, *Dictionary of Paul and His Letters*, ed. G. F. Hawthorne (Leicester, Inglaterra: IVP, 1993), p. 417-419.
- ² James Brooks e Carlton Winbery, *Syntax of New Testament Greek* (Lanham, MD: University Press of America, 1979), p. 87.
- ³ O concílio de anciãos representa o equivalente antigo cristão para o concílio de judeus liderado por sacerdotes e escribas (Lc 22:66; At 22:5).
- ⁴ Aaron Milavec, *The Didache: Text, Translation, Analysis, and Commentary* (Collegeville MN: Liturgical Press, 2003), p. 27-33; Gerd Theissen, *Sociology of Early Palestinian Christianity* (Filadélfia, PA: Fortress Press, 1977), p. 8-16.
- ⁵ G. K. Beale, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), p. 237.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (Londres: SCM Press, 1954), p. 16.



O grito de uma ovelha ferida

Estelle Owenson
Pseudônimo

*“Durante anos,
sonhei com o
dia em que meu
esposo daria sua
vida a Cristo e
seria batizado.
Agora, choro,
sentindo que é
muito tarde”*

Era o dia 7 de janeiro, quando exames realizados em meu esposo, de 81 anos, mostraram células mortas em seu cérebro. Sua memória e sua habilidade cognitiva estavam se deteriorando. Hoje, esse oficial aposentado da marinha norte-americana, que já administrou milhares de dólares da corporação, é incapaz de operar um simples cartão de crédito. Quando viajamos, ele apenas observa o cenário; eu pago todas as contas e compro a comida. Já não sinto o toque suave de suas mãos que, no passado, eram tão prontas e ágeis em retribuir cumprimentos dos seus superiores e colegas, especialmente nas muitas ocasiões em que recebia condecorações. Aquela mente matemática, detalhista, exata, aguçada durante anos de atividade financeira, perdeu a agilidade.

No dia 5 de fevereiro, foi diagnosticada demência vascular, algo como Mal de Alzheimer. O diagnóstico não aliviou meus temores. Porém, com a lucidez que meu marido ainda conservava, pouco tempo depois, ele me surpreendeu manifestando interesse em se tornar adventista do sétimo dia. Ele tem frequentado a igreja comigo, nos últimos seis anos, e aprendeu a admirar nosso pastor.

Os irmãos em nossa unidade da Escola Sabatina sempre o envolveram com amor e preocupação sinceros. Eles sabem que seus comentários revelam quão pouco ele conhece do amor de Deus e da operação de Seu plano em nossa vida, mas alegram-se em atraí-lo para o círculo fraterno e o amam pelo que ele é.

A informação de que meu esposo queria se unir à igreja me envolveu com um misto de emoções. Durante muitos anos, orei para que ele fosse impressionado pelo Espírito Santo. Várias vezes, o ouvi dizer que jamais seria adventista do sétimo dia, e orei fervorosamente para que alguém, por quem ele tivesse admiração e respeito, aparecesse demonstrando interesse em sua salvação. Em muitas ocasiões, ele me questionou sobre minhas convicções, mas sua atitude argumentativa deixou claro que minha parte era pedir que Deus me ajudasse a viver minha fé e manter meu estilo de vida sem pressioná-lo quanto às suas escolhas pessoais.

“Por quê?”, perguntei a Deus. Por que só agora, quando ele está mentalmente limitado e é incapaz de compreender plenamente o passo que pretende dar? Por que não aconteceu antes, quando ele poderia ser mais capaz de ouvir, compreender e aceitar?

Não tendo respostas para essas perguntas, e sabendo que não me cabia decidir quanto à validade de seu interesse, coloquei o problema nas mãos do pastor, que era tão amado e respeitado por meu esposo. E orei a fim de que Deus lhe desse a sabedoria necessária para saber como tratar com o homem a quem amo. Poucos dias depois, o pastor veio à nossa casa e, com muita sensibilidade, falou sobre o assunto. Sim, meu marido estava interessado, mas ainda precisava se desligar da igreja metodista. Algumas semanas depois, o pastor nos visitou novamente e houve mais interação e conversa espiritual.

Demora e frustração

As semanas passaram e eu esperei pelo pastor, enquanto a mente de meu esposo,



embora funcionando, dava sinais de contínuo definhamento. Cada dia, ele perdia um pouco mais. Orei para que o pastor tivesse tempo para investir em oração, orientação, instrução e aconselhamento com ele, de modo que, quando se desligasse de sua igreja anterior, ele estivesse pronto para dar o passo seguinte.

Sempre estive desperta para o fato de que esse candidato não poderia ser tratado de modo comum. Meu marido, hoje, é incapaz de compreender as 27 doutrinas fundamentais; e vivê-las é questão ainda mais complicada. “O plano é Seu, Senhor”, eu clamava. “O Senhor conhece o coração dele. Sabe quanta habilidade cognitiva ainda lhe resta. O Senhor também sabe que eu não sou a pessoa para conduzi-lo a esse compromisso; ele acharia que o estou policiando. Ele está ao Seu dispor. O Senhor conhece seus antecedentes, e também sabe que com a mente dele definhando a cada dia, esse é um assunto urgente. Por favor, Pai, envia o auxílio necessário, enquan-

to ele ainda pode responder à questão mais vital da salvação: relacionamento com Jesus Cristo, seu Salvador.”

De abril, chegamos a maio, e eu me acho lutando com sentimentos de frustração relacionados ao pastor. Aca-so, meu esposo não é tão importante para ser incluído em sua agenda? Será a doença um fator que o desencoraja? Quando ajoelho para orar, a ira se torna uma parede entre meu coração e a sala do trono de Deus. Com emoções negativas fluindo do meu coração, ouço uma voz: “Se teu irmão pecar contra ti, vai...” Dois dias depois, fui ao escritório do pastor e abri meu coração a ele, admitindo que sentia ira e dizendo-lhe que não podia compreender o aparente descaso para com meu esposo, especialmente considerando sua enfermidade.

Ele bondosamente se desculpou; estava muito ocupado. Disse ter apreciado minha visita para tratar do assunto, e cui-

daria do caso. Oramos, e novamente me alegrei. Havíamos encontrado nosso caminho.

Mais indignação

Não demorou muito, tivemos outra visita do pastor. Suas palavras de despedida foram: “Faça-me saber quando a questão da igreja metodista estiver resolvida”. Porém, eu ainda continuava esperando e orando, porque, embora tivéssemos de esperar o desfecho desse assunto, o preparo do meu esposo podia continuar simultaneamente enquanto ainda houvesse alguma habilidade cognitiva.

Terceira semana de junho. Fomos à igreja metodista conferir a finalização do processo de desligamento. Tudo transcorreu normalmente. Finalmente, ele estava livre para ingressar em sua nova igreja. Não foi uma decisão súbita nem fácil. Junto ao fato de ser um oficial da marinha, meu esposo administrou as finanças de uma grande igreja metodista em nossa cidade. Ele tinha o título de “ministro diaconal”, honra concedida por aquela igreja a líderes e administradores leigos. Esse título sempre foi muito importante para ele. Não lhe era fácil embarcar numa nova jornada.

Dia 16 de junho. Telefonei ao pastor e lhe disse que meu esposo estava livre para dar o grande passo, começando uma nova vida como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Outro desapontamento. Descobri que, uma semana mais tarde, o pastor se ausentaria do país por umas três semanas. Se fosse possível, ele disse, nos visitaria rapidamente. Quando voltasse da viagem, cuidaria do preparo de meu marido para o batismo. Mais algumas semanas... Por que, Senhor? Como estará a mente dele naquela ocasião?

No último sábado de junho, o pastor estava na igreja antes de sair de férias. Meu esposo não esteve presente, mas me pediu que lhe desse este recado: “Diga ao pastor para não pregar na igreja até o dia em que eu me tornar membro”. Esse era um pedido infantil, mas em nossa necessidade, nos tornamos infantis. Dei o recado ao pastor, e ele sorriu.

“Você acha que seu marido deseja mesmo ser batizado?” A pergunta me foi feita ali mesmo, no saguão onde nos encontrávamos. Na realidade, nós sabíamos que o batismo por imersão poderia ser um grande empecilho, pois meu esposo sempre se referia a esse processo com alguma reserva. Partilhei com o pastor a reação dele quando dialogamos sobre essa questão na semana anterior. Meu marido dissera: “Não gosto da idéia de ser submerso na água, mas estou desejo.”

Julho. Passadas três semanas, eu orava pela segurança do pastor e sua família que estavam em viagem. Contava os dias para que, enfim, pudéssemos chegar ao término dessa longa jornada.

Coração sangrando

Finalmente, chegou o dia em que o pastor estaria de volta. “Paciência”, dizia para mim mesma. “Dê-lhe um pouco de tempo; ele está atento ao problema.” Duas semanas passaram. O pastor me ligou para falar sobre outro assunto e, durante a conversa, informou-me que viajaria para o concílio de pastores no início da semana seguinte. Porém, ao voltar, entraria em contato. Isso nos levou à metade do mês de agosto. Terceira semana de agosto, e nada. No último sábado desse mês, ouvi que o pastor estaria fora novamente por mais uma semana e somente voltaria na sexta-feira à noite. Meu coração partiu novamente.

Passaram-se cinco meses, desde que todo esse processo começou. Novamente, estou sentindo ira, raiva, frustração e mágoa. Gostaria que alguém tirasse isso de dentro de mim e substituísse por alegria. Mas não posso. Nosso pastor é um pregador excepcional. Ele sempre tem palavras belas, impressionantes. Sua pregação é impecável e cativa a atenção dos ouvintes. Sua personalidade é magnética, mas meu desapontamento e mágoa tendem a obscurecer tudo isso. Meu coração está sangrando.

Diálogo espantoso

Decidi que era tempo para que eu mesma, com muito tato e sensibilidade, fizesse a meu esposo algumas perguntas vitais. Não tencionava fazer isso, mas como o pastor não aparecia, naquela altura, era importante tomar a iniciativa. Precisava descobrir a que nível sua demência tinha invadido e destruído sua habilidade cognitiva durante os cinco

meses anteriores. Escolhi um momento de quietude, quando ele sempre foi mais receptivo.

Iniciei o diálogo: “Tenho pensado sobre seu desejo de se tornar membro de nossa igreja. Talvez, você tenha algumas questões que eu poderia ajudar a responder. Há alguma coisa que lhe preocupa quanto a diferenças entre as crenças adventistas e o que você entende, ou não?” A resposta foi: “evolução”. Dessa vez, ele não hesitou. No passado, vacilava um pouco, pendendo discretamente para o lado da evolução.

“Você crê na Bíblia como a Palavra de Deus; que ela é o guia essencial para nossa vida?”, perguntei. Sua resposta: “A Bíblia foi escrita por homens. Não sabemos quantas mudanças foram feitas nela.” Continuei o questionário: “Você entende o sábado? O que ele realmente significa?” Ele respondeu: “Não acho que o dia de guarda seja importante. Você pode guardar o sábado, a quarta-feira, qualquer dia.” Certa vez, ele repreendera uma visita, ao notar que ela não respeitava minhas crenças a respeito do sábado.

Mas, continuei: “Você entende o que acontece a uma pessoa quando ela morre?” “Não sei”, disse ele. “Acho que o corpo se decompõe, mas há alguma coisa que eu não compreendo... o que acontece ao espírito?” Em alguma ocasião anterior, eu tivera a impressão de que ele concordava com nossa maneira de crer. Perguntei-lhe, então: “Não lhe incomoda o fato de que não mais será um ministro diaconal?” “Não”, foi a surpreendente resposta, porque isso era muito importante para ele. “Você está mesmo interessado em ser batizado?”, continuei perguntando, ao que ele respondeu: “Não acho necessário. É como ingressar em qualquer clube”.

“Você está dizendo que mudou de idéia e não deseja mais ser batizado?”, insisti. “É isso mesmo; não quero mais ser batizado”, ele respondeu. “Você ainda quer ir à igreja comigo e se tornar parte dela, mesmo sem ser batizado, ou quer voltar para sua igreja anterior?”, novamente perguntei. Sua resposta: “Quero ir com você à sua igreja, mas não preciso ser batizado para fazer isso.” Então, fiz a pergunta mais importante: “Você crê que Jesus veio do Céu, tornou-Se homem para viver conosco e por nós aqui?” Ele respondeu: “É possível.” Você compreende e crê que Ele morreu por você e seus pecados, de modo que você possa viver com Ele no

Céu?” “É possível”, novamente foi a resposta. “Você crê que Jesus virá buscar Seu povo, a fim de estar com Ele para sempre?” “É possível”, ele repetiu.

Esta é a verdadeira história. Minha dor é profunda. Estou angustiada. Pergunto-me a mim mesma: “Por quê? Como isso pôde acontecer?” Tivemos uma janela aberta, mas parece-me que ela foi lentamente fechada, com o de-finhamento da mente de meu marido. Sei que Deus não está limitado por regras arbitrárias de conversão ou determinado número de crenças fundamentais. Também sei que Ele não está amarrado por nossas, às vezes desajeitadas, fórmulas de atrair pessoas à igreja. Sei que Jesus prometeu o Céu ao ladrão crucificado com Ele. Sei que Seu amor vai além do tempo e do espaço.

Durante anos, sonhei com o dia em que meu esposo daria sua vida a Cristo e seria sepultado nas águas batismais. Agora, estou terrivelmente triste. Deram lágrimas com o sentimento de que é demasiadamente tarde para isso acontecer. Talvez, pudéssemos falar com ele sobre a necessidade de ser batizado. Mas, nesta altura, ele já não sabe o que significa “morrer” nem poderia saber o que a “ressurreição” implica. Nesse caso, meu despedaçado coração experimentaria uma vitória falsa. Sei que o relacionamento com Jesus é o principal fator na salvação. Mas, ele não tem isso. Ou tem? Não sei. Não posso dizer, não sou o Juiz.

Ó, Senhor, Seu Espírito Santo nos abriu uma janela de oportunidade, quando o Senhor colocou no coração de meu esposo o desejo de ser batizado. Em si mesmo, isso foi um milagre. Por que o pastor não agilizou o processo? Por que sempre tinha que se ausentar em momentos aparentemente decisivos? Por que não aproveitamos devidamente a oportunidade? Mas, o Senhor é Deus de milagres, e pode fazer outro milagre – dar a meu marido um vislumbre de Seu trono.

Pai querido, confio a eternidade do meu esposo a um Deus onisciente, todo-poderoso e amoroso. O Senhor sabe quando, onde, como, se houve ou haverá alguma fagulha de lucidez na mente do meu esposo, através da qual ele pudesse ou ainda possa ouvir Sua promessa: “Querido filho, você estará comigo no paraíso”.

Por favor, Senhor, ouça o grito do meu coração. ❀



José Mascarenhas Viana 1939–2007

Vitimado por um infarto agudo do miocárdio, o pastor José Mascarenhas Viana faleceu no dia 3 de junho, em Recife, PE. No fim da tarde do dia 5, foi sepultado no Cemitério Parque dos Ipês, em Itapeceirica da Serra, SP, após concorrida cerimônia fúnebre realizada no templo do Centro Adventista Universitário de São Paulo, Unasp (campus 1).

O pastor Viana era pernambucano de Recife, onde nasceu em 22 de abril de 1939. Formou-se em teologia no antigo Colégio Adventista Brasileiro (atual Unasp), em 1962 e, em fevereiro de 1963, casou-se com Vasti Alves de Souza, de cuja união nasceram Ricardo e Joyce. cursou mestrado e doutorado nos Estados Unidos e no Brasil.

Em sua carreira pastoral, liderou igrejas no Nordeste brasileiro, no Rio de Janeiro e São Paulo. Serviu como diretor de Jovens, Evangelismo e secretário ministerial, nas Associações Rio de Janeiro e Paulistana, União Este-Brasileira, Divisão Sul-Americana e União Central-Brasileira. Foi também professor no Seminário de Teologia da Faculdade Adventista da Bahia. Desde

outubro de 2005 até o dia de sua morte, atuou como secretário ministerial da Associação Paulistana.

Enquanto serviu como secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana, o pastor Viana, entre outras atividades, coordenou a produção da revista Ministério, o que fez com especial dedicação, sendo o mentor das mudanças de visual e tamanho desse periódico, a partir de 1998.

“Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Co 9:16) era o texto bíblico de sua predileção. E pregar o evangelho foi algo que ele realizou com mestria, cativando ouvintes não apenas pela eloquência, beleza, relevância e forte conteúdo bíblico de suas mensagens, mas também pela humildade e simplicidade de sua vida. Foi amigo, conselheiro e pastor inesquecível de todos aqueles com quem manteve contato.

Que os familiares do pastor Viana sejam envolvidos pela doce paz e consolação do Espírito Santo, até que “o Senhor, reto juiz” venha lhe conferir, e “a todos quantos amam a Sua vinda” (2Tm 4:8), a coroa da vida que não tem fim. ❖

Divisão Sul-Americana tem novo secretário



O pastor Bolívar Alaña foi nomeado secretário da Divisão Sul-Americana, em substituição ao pastor Melchor Ferreyra,

que aceitou o chamado para ser secretário de Campo da Divisão Interamericana. A nomeação aconteceu no dia 2 de julho, em reunião da Comissão Diretiva da DSA, realizada em São Paulo.

O pastor Alaña é chileno, nascido em Rengo, casado com Cecília Mônica Rivas Pinilla e possui três filhos: Rodrigo Andrés, Roberto Abner e Rubén Alejandro. Ele concluiu seus estudos teológicos em 1982, na Universidade Adventista do Chile, e serviu à igreja como capelão, pastor e professor de Teologia, presidente da Missão Chilena do Pacífico e secretário da União Chilena.

Desde julho de 2004 até ser nomeado para a DSA, era reitor da Universidade Adventista do Chile.

Foto: Divulgação DSA

Para Pensar...

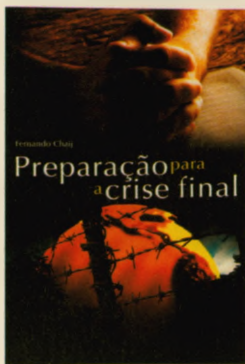
Sou parte da fraternidade dos que não se envergonham.
Tenho o poder do Espírito Santo. A sorte foi lançada.
Ultrapassei a linha. A decisão foi feita - sou discípulo d'Ele.
Não olharei para trás, não darei tréguas, não diminuirei o ritmo, não retrocederei, não ficarei parado. Meu passado está redimido, meu presente faz sentido, meu futuro está assegurado. Não ajuento mais essa vida medíocre, andar por vista, joelhos macios, sonhos sem cor, visões amansadas, conversa mundana, doação barata e alvos minimizados.
Não mais preciso de proeminência, prosperidade, posição, promoções, aplausos ou popularidade. Não tenho que estar certo, ser o primeiro, o maior, reconhecido, louvado, querido ou premiado. Vivo pela fé, reclino-me na Sua presença, ando por paciência, sou elevado pela oração e trabalho com poder.
Meu rosto está decidido, minha marcha é acelerada, meu alvo é o Céu, meu caminho é estreito, minha estrada acidentada, meus companheiros poucos, meu Guia confiável, minha missão, clara. Não posso ser comprado, dissuadido, desviado, seduzido, mudado de rumo, iludido ou atrasado. Não recuarei diante do sacrifício, não hesitarei na presença do inimigo, não me entregarei aos valores da popularidade e não perambularei no labirinto da mediocridade.
Não desistirei, não me calarei e não darei tréguas até que tenha permanecido, acumulado, orado, pago à vista e pregado a última medida por causa de Cristo. Sou discípulo de Jesus. Devo ir até que Ele venha, doar-me até esgotar-me as forças, pregar tudo o que sei, e trabalhar até que Ele me pare. E, quando Ele vier, não terá problema em me reconhecer...
minha bandeira estará clara.

Anotações feitas por um pastor do Zimbábue, martirizado por causa do evangelho.

Humor



Thiago Lobo/Free Cartoon Park Samples



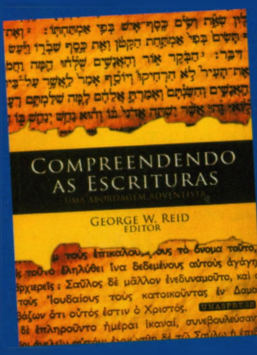
PREPARAÇÃO PARA A CRISE FINAL

Fernando Chaij, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 172 páginas; fone 0800-9790606, sac@cpb.com.br

Esta obra, baseada na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White, apresenta em seqüência lógica os eventos que terão lugar no mundo e na igreja pouco antes do glorioso aparecimento de Cristo. É leitura obrigatória para quem deseja saber a que hora estamos no grande relógio profético e o que nos reserva o futuro.

COMPREENDENDO AS ESCRITURAS

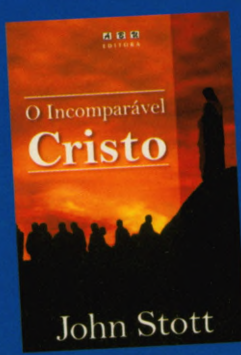
George W. Reid (editor), Imprensa Universitária Adventista, Engenheiro Coelho, SP; 363 páginas; fone (19) 3858-9055, www.unaspress.unaspedu.br



Este livro aborda os conceitos de revelação, iluminação, inspiração, e como a Palavra de Deus chega até nossos dias. Dispensa especial atenção aos fundamentos e métodos de interpretação das Escrituras, com o propósito de reduzir e, se possível, eliminar interpretações arbitrárias e artificiais. Os princípios que a embasam revelam a elevada concepção adventista acerca das Escrituras Sagradas.

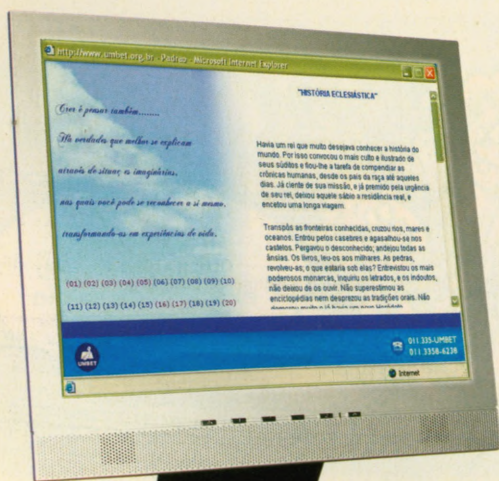
O INCOMPARÁVEL CRISTO

John Stott, ABU Editora S/C, São Paulo, SP; 250 páginas; editora@abub.org.br



Em análises magistrais, o autor deste livro examina o testemunho do Novo Testamento, o retrato que a igreja tem feito de Cristo ao longo dos séculos e a influência que Cristo tem exercido sobre indivíduos nos últimos vinte séculos. Voltando-se para o livro de Apocalipse, ele pergunta o que Jesus Cristo significa hoje. Eis o fruto de uma vida inteira de estudo bíblico, reflexão cristã rigorosa e devoção à pessoa de Jesus Cristo.

VEJA NA INTERNET www.umbet.org.br



Esse é o site de uma união missionária, que existe há vários anos, com a finalidade de pregar o evangelho pelo telefone. Por isso, uma seção do site é a **Mensagem do Dia**. Mas, para mim, as duas áreas mais interessantes e úteis são: **Metáforas** – onde são disponibilizadas vinte histórias (troçadas de tempos em tempos) que podem ser utilizadas como ilustrações para sermões; e **Causos** (não se assuste com esse título!) – que apresenta dez histórias ou experiências da vida cristã. É isso, um site bem simples, com proposta bastante limitada, mas que alcança seu objetivo, e parte de seus textos pode ter uso homilético. – *Márcio Dias Guarda*



Ellen G. White

Virtudes pastorais

Extraído de *Pastoral Ministry*

Deus chama homens que aceitem Sua verdade, e transmitam, em Seu nome, a mais solene mensagem para o mundo. Homens que exaltem o padrão da verdade bíblica e exemplifiquem seus preceitos na vida diária. Tal conduta atrairá muitos que se têm entrincheirado atrás do parapeito da infidelidade. A influência do verdadeiro caráter cristão é semelhante aos raios brilhantes do Sol que penetram os mais remotos rincões escuros nos quais têm permissão para entrar. A luz que emana do exemplo do ministro verdadeiramente cristão não deve ser irregular e incerta como o lampejo de um meteoro, mas deve ter o calmo e constante esplendor das estrelas celestiais.

Consagração

O que necessitamos, nestes tempos de perigo, é de um ministério convertido. Necessitamos de homens que compreendam sua pobreza de alma e busquem zelosamente a dotação do Espírito Santo. É necessário preparo do coração, a fim de que Deus nos possa conceder Sua bênção, mas isso não é feito. Ó, quando os pastores despertarão para a solene responsabilidade que recai sobre eles, e com zelo suplicarão o poder celestial? É o Espírito Santo quem dá poder à mensagem do pastor, ou sua pregação será tão destituída da justiça de Cristo como foi a oferta de Caim.

Altruísmo

Nem todos os pregadores se entregam ao trabalho de Deus como lhes é exigido. Alguns sentem que a sorte do pregador é dura, porque são obrigados a ficar separados de suas famílias. Eles se esquecem que antes era muito mais difícil de trabalhar do que agora. Não havia senão poucos amigos da causa. Eles se esquecem daqueles sobre quem Deus pôs no passado a responsabilidade da obra. Havia então apenas alguns que recebiam a verdade como resultado de muito trabalho. Os escolhidos servos de Deus choravam e oravam para obter uma clara compreensão da verdade, e sofreram privações e exerceram muita abnegação para levá-la aos outros. Passo a passo prosseguiram conforme a providência de Deus os conduzia. Não levaram em conta a própria conveniência nem se furtaram a sofrimentos. Através desses homens Deus preparou o caminho e tornou a verdade clara à compreensão de toda mente sincera. Tudo foi posto nas mãos dos pastores que abraçaram a verdade desde então, todavia, alguns deles não sentiram a responsabili-

dade do trabalho. Eles procuraram uma sorte mais fácil, uma posição menos abnegada. Esta Terra não é o lugar de repouso dos cristãos, e muito menos dos escolhidos pastores de Deus. Eles se esquecem de que Cristo deixou Suas riquezas e glória no Céu e veio à Terra para morrer, e que Ele nos ordenou amarmo-nos “uns aos outros, assim como” Ele nos amou. Esquecem-se daqueles “dos quais o mundo não era digno”, que “andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados”.

Compaixão

Que maravilhosa atitude Jesus expressou em Sua missão para com a vida humana! Ele não vivia entre as pessoas como um rei exigindo atenção, reverência e serviço, mas como Alguém que desejava servir, erguer a humanidade. Ele disse que não veio para ser servido, mas para servir. Estou certa de que a grande lição de perdão deve ser aprendida mais perfeitamente por todos nós, e devemos praticar as graças cristãs. Em todo ser humano Jesus via alguém que necessitava de simpatia.

Confiabilidade

Os ministros de Jesus Cristo devem ensinar, tanto à igreja como a indivíduos, o fato de que a profissão de fé, mesmo dos adventistas do sétimo dia, a menos que proceda de piedade sincera, é impotente para fazer o bem. Luz espiritual deve resplandecer da igreja e especialmente dos pastores, em raios claros e invariáveis. Não deve ela inflamar-se apenas ocasionalmente e então ofuscar-se e bruxulear com se estivesse extinguindo.

Humildade

Seu perigo será sempre de desprezar o conselho, e atribuir-se um valor mais elevado do que Deus lhe atribuiu. Há muitos que estão sempre prontos a lisonjear e louvar o pastor que sabe falar. Para seu próprio prejuízo um jovem pastor está sempre em perigo de ser mimado e aplaudido, enquanto ao mesmo tempo pode ser deficiente nas coisas essenciais que Deus requer daquele que professa ser um porta-voz Seu. Você tem meramente entrado na escola de Cristo. A adaptação para a sua obra é uma tarefa vital, uma luta diária, penosa e renhida com hábitos estabelecidos, inclinações e tendências hereditárias. Guardar e controlar o próprio eu, para manter Jesus preeminente e o eu fora de vista, requer constante, diligente e vigilante esforço. ❧

DIA DO PASTOR

27 de Outubro 2007

*Sou pastor para “fazer
conhecido o mistério
do evangelho”*

Efésios 6:19

